

tempo e presença

Publicação do CEDI • Número 235 • Outubro de 88 • Cz\$ 200,00

ECUMENISMO

Tempo de esperança

tempo e presença

Revista Mensal
do CEDI

Outubro 88

CEDI Centro Ecumênico de
Documentação e Informação

Rua Cosme Velho, 98, fundos
22241 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (021) 205-5197
Telex: 021 37892 CIED BR

Av. Higienópolis, 983
01238 — São Paulo — SP
Telefone: (011) 825-5544
Telex: 011 26561 ECUM BR

Conselho Editorial

Carlos Rodrigues Brandão
Heloísa de Souza Martins
José Oscar Beozzo
Márcio Santilli
Milton Schwantes
Paulo Schilling
Regina Hara
Regina Reyes Novaes
Rubem Alves

Editor

Jether Pereira Ramalho

Editor Assistente e
Jornalista Responsável
Marco Antônio Piva
Reg. Prof. n.º 12.911

Secretário de Redação e
Editor de Arte
Flávio Irala

Diagramação e
Secretaria Gráfica
Marta Cerqueira Leite Guerra

Digitação
Alfredo Salvador Vieira Coelho

Revisão
Rosana de Lima Soares

Capa
Marta Cerqueira Leite Guerra e
Martha Braga

Fotolito, Impressão e
Acabamento
Gráfica Pirâmide

Os artigos assinados não traduzem
necessariamente a opinião da revista.

Preço do exemplar avulso:
Cz\$ 200,00
Assinatura anual
Cz\$ 2.000,00
Assinatura de apoio
Cz\$ 3.000,00

Cartas

Sou assinante de *Tempo e Presença* e venho, pela presente, trazer minha palavra de congratulação ao CEDI que, com suas publicações, tem cumprido de modo exímio seu propósito de documentar, promover ecumenismo e informar.

Rev. Domingos Sávio Evaristo Jataí, GO

Gostariamos de saber como devemos proceder para adquirir publicações deste Centro, especialmente a revista *Tempo e Presença* deste ano e do ano anterior.

Muito nos interessa manter um intercâmbio com vocês, pela riqueza do seu material, que será de grande valor para o nosso trabalho, uma vez que coordenamos a OficinaArtes - uma Oficina de Artes que se propõe apoiar as escolas na área pedagógica, material didático e presentes criativos.

**Tânia Sousa
Fortaleza, CE**

O vosso trabalho continua a atingir o meu desejo, pois é de qualidade bonita, sobretudo o tratamento das matérias acerca da teologia da libertação e reportagens sobre o regime diabólico de apartheid na África do Sul.

Os amigos que me visitam têm lido a revista *Tempo e Presença* com muito interesse. Meus parabéns pelo trabalho de vocês. Gostaria de conhecer a história desta revista e do CEDI em particular.

Queiram, irmãos, receber os meus sinceros cumprimentos na certeza de que o poder do Nosso Senhor vos abençoe nos vossos trabalhos e esforços.

**Nzakimuena Daniel-Ntango
Conselho Angolano de Igrejas
Evangélicas
Luanda, Angola**

Já conhecíamos algumas publicações do CEDI, inclusive utilizando-as para análises, principalmente as que se referem aos movimentos de bairros, favelados, negros, comunicação social. Por isso é que afirmamos: é uma revista com-

prometida com a luta dos mais necessitados, por melhorias das condições de vida e transformação da sociedade.

O tempo de existência da revista *Tempo e Presença* é o mesmo da Comissão dos Bairros de Belém. E no decorrer de todos estes nove anos, muitas lutas foram travadas, conquistas importantes obtivemos. Atos públicos, passeatas, abaixo-assinados e outras formas de manifestações foram realizadas.

O movimento teve momentos de avanços e recuos, mas a CBB sempre seguiu a esperança de mudarmos esta situação de exploração e opressão por parte da classe dominante e de seus órgãos de poder.

Acreditamos que podemos relacionar a existência firme e comprometida da revista *Tempo e Presença* e a CBB, pois é extremamente importante termos um instrumento próprio de divulgação e análise de nossos anseios, realidades e lutas para transformarmos o mundo em que vivemos.

Um cordial e caloroso abraço de todas as entidades comunitárias filiadas à Comis-

são dos Bairros de Belém.
**José Anchieta de Oliveira
Secretário de Imprensa e Divulgação
Belém, PA**

Com alegria, recebemos o exemplar de junho/88 da revista *Tempo e Presença* e a notícia de que teremos o prazer de recebê-la no período de um ano.

Queremos agradecer e parabenizar todo o trabalho do CEDI, em suas publicações e assessorias. O apoio que a causa indígena tem recebido por parte do CEDI tem um valor imensurável na luta pela defesa dos direitos de nossos irmãos índios.

Colocamo-nos à disposição do CEDI para qualquer informação ou ajuda. É na união de forças que a luta segue em frente e é eficaz!

**Conselho Missionário Indigenista
Regional Nordeste
Recife, PE**

Nota — Na edição n.º 234 (setembro/88), a foto da página 19 é de André Dusek/Agil e a da página 24 é de Angela Cristina Fernandes.

PUBLICAÇÕES DO CEDI

PASTORAL PROTESTANTE

Evangelização no Brasil de hoje.....	Cz\$ 960,00
A experiência da fé.....	Cz\$ 1.570,00
Deixai vir a mim os pequeninos.....	Cz\$ 970,00
Igreja/desenvolvimento e participação popular.....	Cz\$ 970,00
Periferia — desafio à unidade.....	Cz\$ 1.840,00
Unidade e prática da fé.....	Cz\$ 1.380,00
Onze de abril: o dia da audácia.....	Cz\$ 1.380,00
A celebração da vida.....	Cz\$ 780,00
Chamados a dar testemunho hoje.....	Cz\$ 460,00
Batismo, eucaristia e ministério.....	Cz\$ 780,00
Servos livros.....	Cz\$ 1.600,00
Jesus Cristo, a vida do mundo.....	Cz\$ 1.000,00
Protestantismo e política.....	Cz\$ 650,00
Profetas da unidade.....	Cz\$ 1.430,00
Discussão sobre a Igreja.....	Cz\$ 1.430,00
Igreja e o desafio dos pobres.....	Cz\$ 1.430,00
O drama da conversão.....	Cz\$ 1.480,00
Identidade negra e religião.....	Cz\$ 3.530,00

Atenção!

Preços válidos até 31/12/88, sujeitos a desconto
Escreva ou ligue para o Setor de Distribuição do CEDI
Av. Higienópolis, 983 01238 - São Paulo, SP Tel: (011) 824-5544

Ecumenismo

- 4 MOVIMENTO ECUMÊNICO NA AMÉRICA LATINA
Zwinglio Mota Dias
- 6 DOR E ESPERANÇA
José Míguez Bonino
- 8 LIMITES E ABRANGÊNCIA DO ECUMENISMO
Julio de Santa Ana
- 11 MOVIMENTO POPULAR COMO ESPAÇO ECUMÊNICO
Jether Pereira Ramalho
- 14 CAMINHOS DA UNIDADE
Odair Pedroso Mateus
- 17 CLAI: ESPERANÇA SOLIDÁRIA
- 19 OBSTÁCULOS AO MOVIMENTO ECUMÊNICO
Programa de Assessoria à Pastoral Protestante e Carlos Eduardo Coelho
- 21 FLOR BONITA NASCIDA EM TERRA SECA SEM ADUBO
Carlos Mesters e Eliseu Lopes
- 23 RAÍZES QUE RENOVAM OS FRUTOS
Anivaldo Padilha e Paulo Roberto Garcia
- 25 ECUMENISMO E MUNDO AFRO-BRASILEIRO
José Oscar Beozzo

Rubem Alves

- 28 ESTE IMENSO MATERNAL VAZIO

Anote

- 30 DE OLHO NA UDR
BIBLIOGRAFIA BÍBLICA

América Latina

- 31 CHILE: E DEPOIS DO NÃO?
Emir Sader

Bíblia hoje

- 33 UMA BÍBLIA QUE INQUIETA
Milton Schwantes

Livros

- 35 FALA, PEDRO!

Ecumenismo, sinal de esperança

Quando, nos últimos anos, as diferenças entre as nações tendem a se acentuar, aumentando, cada vez mais, o fosso entre os ricos e os pobres, surge, no mundo, um vento novo de esperança, que tem como objetivo básico a busca da unidade e da solidariedade. Inicialmente questionou o escândalo da divisão entre os cristãos. Era incompreensível a competição entre igrejas que tinham como fundamento o mesmo Deus, a mesma Bíblia e um compromisso comum. Ampliou-se, em seguida, abrindo-se para outras propostas religiosas, que também buscavam o bem de todos e a fraternidade no mundo. O movimento ecumênico, uma das mais lindas utopias do século 20, vai assim se consolidando a cada dia. Hoje é impossível desconhecer-se o seu significado e abrangência. Somente espíritos sectários e os que não têm sensibilidade para grandes momentos da história ainda tentam deturpar seus objetivos e se opor à sua marcha.

O movimento ecumênico, atualmente, é desafiado a passar para uma nova etapa. O seu ponto de convergência inicial — a concretização da obra de Cristo, com a realização de um Reino de paz e de justiça — não se pode limitar ao terreno dos discursos ou de impressionantes reuniões. A prova de sua proposta tem que passar pela prática e pela coerência dos compromissos assumidos. A unidade dos cristãos não pode ser separada da unidade do movimento popular. Quem se colocar contra esse processo afasta-se do movimento ecumênico.

A mística ecumênica, aumentando sua abrangência, ganha força em diversos setores sociais, principalmente nas organizações populares. Identifica-se com solidariedade, paz, justiça, respeito

à humanidade e à natureza. O grande objetivo passa a ser a plena dignidade de vida para todos. Naturalmente que uma proposta dessa força vai encontrar novos obstáculos e novos opositores.

Inicialmente, os mais fortes adversários do ecumenismo encontravam-se nas estruturas das igrejas. Eram dirigentes, clérigos ou leigos, que se sentiam ameaçados, pela relativização do seu poder. Encastelados nas tradições, em particulares visões teológicas, em estreita compreensão do evangelho, tinham a pretensão do monopólio da verdade e da vontade de Deus. O tempo foi mostrando a fraqueza dessas posições e o povo, com a sua sabedoria e grandeza, foi se desvencilhando desses discursos estereotipados e sectários, muitas vezes agressivos e raivosos. Hoje, quando a proposta ecumênica sai do terreno das palavras, ultrapassa a instituição eclesiástica e questiona as estruturas injustas e discriminatórias da sociedade, com todos os seus mecanismos de opressão, os ataques e a oposição mais cerrada partem dos senhores do Estado. As ditaduras e os grupos reacionários, associando-se a certos bispos e pastores, começam a temer o movimento ecumênico. A luta pela dignidade plena da vida para todos questiona estruturas econômicas e políticas nacionais e internacionais que produzem a fome, a miséria, a discriminação, que destróem a natureza e ofendem as culturas indígenas.

Essa reação, entretanto, é o melhor indicador de que o ecumenismo é sinal de esperança e que a construção de uma oikoumene onde se possa viver em paz e com alegria é compromisso de todos.

Movimento ecumênico na América Latina

O quadragésimo aniversário do CMI e a realização, na América Latina, de dois eventos históricos são marcos decisivos na construção do movimento ecumênico e da unidade do povo

Zwinglio Mota Dias

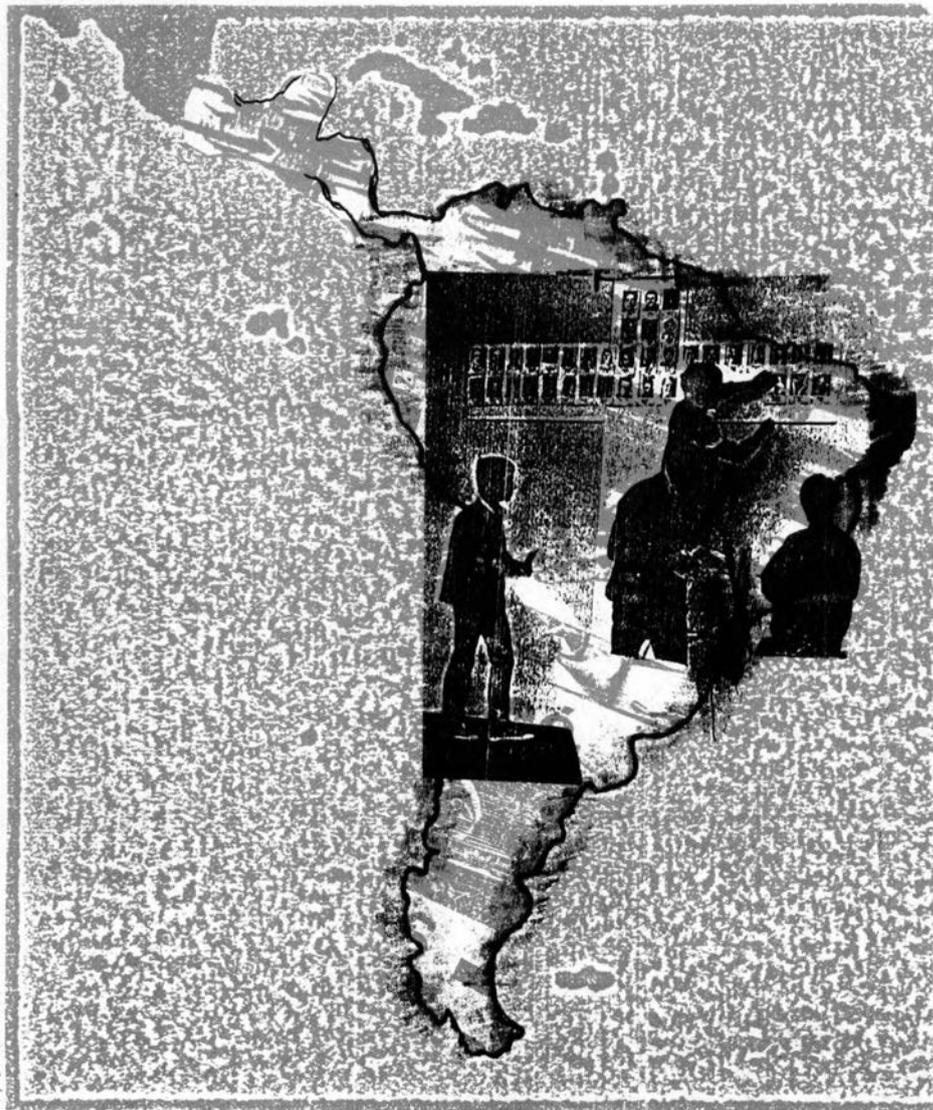
O ano de 1988 será uma referência obrigatória, no futuro, para todos aqueles empenhados em compreender a caminhada ecumênica das igrejas na América Latina. O fato maior a se destacar neste período é a comemoração do quadragésimo aniversário do Conselho Mundial de Igrejas e, no espaço físico latino-americano e caribenho, a realização de dois eventos de suma importância para a história eclesial de nossos povos: o Encontro de Organismos Ecumênicos, em Quito, Equador, no mês de julho, que reuniu mais de noventa grupos de todos os quadrantes do continente e a 2ª Assembléia Geral do Conselho Latino-Americano de Igrejas, realizada em outubro.

Um dos documentos preparatórios para a realização do Encontro de Organismos Ecumênicos tinha por título a sugestiva frase: "A construção da esperança". A assembléia do Clai terá por lema "Igreja, a caminho de uma esperança solidária". Seu principal documento preparatório é um livro, em dois volumes, intitulado *Colheita de esperança*.

Em ambos os eventos a esperança constituiu um elemento central e impulsionador, fazendo eco à obstinação da grande maioria dos latino-americanos de ainda experimentarem dias de verdadeira liberdade em sociedades reorganizadas e baseadas na paz com justiça.

Um pouco de história...

As expressões mais significativas do movimento ecumênico latino-americano são resultado hoje de um longo e difícil processo que teve seus inícios concretos na década de 60, depois de inúmeras tentativas frustradas de alguns profetas e visionários inconformados com a implantação pura e simples, no continente, dos modelos eclesiológicos cristalizados na Europa e nos Estados Unidos. Vivendo num continente cuja cultura dominante foi forjada nos moldes do catolicismo ibérico, esses profetas propugnavam por um protestantismo que levasse a sério, in-



corporando-a, a multifacetada religiosidade dos povos da terra americana ao sul do Rio Grande, como foi o caso de José Manuel da Conceição, o primeiro sacerdote católico a assumir a fé presbiteriana e entrar em choque com os missionários norte-americanos ao reivindicar uma nova forma de ser igreja, não anglo-saxônica, como a matriz estadunidense, mas embebida das formas de religiosidade criadas no interior da cultura popular brasileira.

Ao mesmo tempo, esses visionários estavam conscientes da estreita relação entre igreja e sociedade. Uma igreja genuinamente latino-americana teria de fazer frente aos problemas, questões e perspectivas próprias das sociedades latino-americanas. Seus seguidores nas décadas de 50 e 60 davam continuidade a essa renovada perspectiva eclesiológica procurando reproduzir aqui o que também ocorria em outras latitudes: relacionar em forma mais transparente Evangelho e Vida, Igreja e Sociedade.

Sim, porque além do estudo e da reflexão bíblica que através dos séculos foram evidenciando o escândalo das divisões dos cristãos, os fatos sociais e políticos que vêm marcando o processo histórico também chamaram a atenção das igrejas para a necessidade de um testemunho senão unitário, pelo menos compartilhado, no meio das sociedades humanas. O movimento ecumênico que atravessa todas as fronteiras do mundo chamado cristão e que é resultado de um sem número de esforços e contribuições de toda ordem, no século 20, como consequência, por um lado, das guerras que destruíram especialmente a Europa e envolveram praticamente todo o mundo e, por outro, dos esforços nascidos especialmente dentro do movimento missionário das igrejas protestantes e sua tentativa de responder aos desafios de ordem social, política e cultural postos pelos conflitos de classe em escala internacional, vai ganhar uma expressão concreta de enorme transcendência que é a constituição do Conselho Mundial de Igrejas em 1948, três anos após o término da 2ª Guerra Mundial.

O desenvolvimento do ecumenismo latino-americano é dever em grande parte aos impulsos recebidos do CMI. Tanto de forma indireta pela veiculação de novas idéias teológicas, novas abordagens bíblicas, como diretamente pelas possibilidades abertas aos cristãos latino-americanos de compartilharem de outras experiências eclesiais; tanto no hemisfério Norte como no hemisfério Sul, alargando assim sua visão acerca da universalidade cultural e sócio-política das igrejas em suas concreções históricas; e, ainda, pela presença na América Latina e

Caribe de emissários e delegados de outras igrejas da *oikoumene*, que em nome do CMI apoiaram, provocaram e realizaram sem-número de encontros, seminários, conferências, plantando em diferentes rincões da América do Sul e junto com latino-americanos e caribenhos a semente da esperança ecumênica, portadora dos sinais inequívocos do Reino de Deus sempre a chegar entre os homens.

Ecumenismo ontem e hoje

Neste processo de transformação da visão da Igreja que por tanto tempo predominou entre nós, cheio de tensões e conflitos ao ponto de estabelecer uma nova divisão entre os cristãos, os ecumênicos e os antiecumênicos, o conceito de ecumenismo também sofreu mudanças de modo a adequá-lo a uma concepção geral de igreja e sociedade mais próxima dos anseios e projetos que se vão gestando em meio às lutas de libertação da esmagadora maioria de nosso povo.

Se por um tempo o ecumenismo foi entendido pelas lideranças eclesiais como um processo de aproximação das igrejas entre si visando resguardá-las do escândalo da divisão, já que proclamam uma mensagem que conclama a humanidade à unidade, na medida em que o seu significado bíblico-teológico, suas consequências práticas no dia-a-dia da vida das congregações, e sua compreensão mais aprofundada foram sendo assimilados por grupos cada vez mais significativos de cristãos, seu sentido alargou-se ganhando perspectivas mais amplas e crescentemente mais evangélicas.

Ao deixar de ser uma proposta manejada pelas elites eclesiais e intelectuais das igrejas e morder a carne dolorida do povo sofredor do continente, o ecumenismo latino-americano emergiu no cenário do movimento ecumênico mundial com as vestes da luta política de um povo secularmente esmagado pela exploração sócio-econômica, tomando posição no conflito ideológico e assumindo a causa da justiça e do direito dos pobres à vida plena como expressão da luta pelo Reino anunciado por Cristo. Se nos anos 60 a proposta ecumênica foi duramente combatida no interior das igrejas por seus setores majoritários comprometidos com as estruturas de poder da sociedade ou alienados e conduzidos por uma visão desencarnada do Evangelho pela enganosa ideologia dominante, na década de 80 passou a ser combatido diretamente pelos Estados como fator de perigo e desequilíbrio da correlação de forças videntes em nossos países. O movimento ecumênico, em suas múltiplas expressões, passou a preocupar os gerais...

Ao pensar a unidade da Igreja a partir das condições concretas de vida do povo "crente e pobre" da América Latina, o movimento ecumênico em nível mundial já havia percebido: a unidade da igreja só se constrói na medida em que se luta também pela unidade do povo, pois as igrejas estão atravessadas pela luta ideológica, pelas tensões políticas e pelas determinações econômicas que rompem a comunhão dos homens e impedem a verdadeira comunhão dos cristãos em torno do projeto de Jesus.

Assim o ecumenismo que se observa hoje na América Latina, sofrendo uma enorme campanha de descrédito por parte de igrejas e setores de igrejas que ar-



Cristãos: unidade ampliada

mam projetos interdenominacionais para a manutenção e obtenção de favores do Estado e que respondem muitas vezes a propostas de legitimação religiosa das estruturas sociais vigentes elaboradas nos centros do poder mundial, é aquele movimento que partindo da experiência da fé no Cristo se empenha na construção da paz com justiça, que vê na construção da unidade do povo a possibilidade da unidade da Igreja "para que todos creiam" na promessa do Reino "uma vez dada aos santos".

Zwínglio Mota Dias é teólogo, pastor da Igreja Presbiteriana Unida e secretário-geral do CEDI.

Dor e esperança

Em quarenta anos de prática ecumênica, o teólogo argentino José Míguez Bonino viu aparecer e desaparecer movimentos, diálogos e planos. Ele não lamenta os conflitos e afirma: "A América Latina é um grande laboratório ecumênico"

José Míguez Bonino

Decidi dar a essas linhas um tom mais de *testemunho*, dada a brevidade deste artigo, e as muitas coisas boas que se escreveram recentemente — inclusive neste mesmo número — sobre o ecumenismo em nosso continente. Durante os últimos quarenta e tantos anos, desde Falje e MEC, a nível local e latino-americano, e desde a Conferência da Juventude em Oslo (1947), a nível internacional, tive a oportunidade de observar a vida ecumênica e dela participar. Hoje o CEDI me oferece um espaço para uma breve reflexão, uma espécie de balanço dessas décadas, subjetivo, por certo, aberto a discussão.

O modo mais simples de dizer o que acredito ter acontecido nessas décadas é que a *problemática ecumênica na América Latina se latino-americanizou*. Não significa que nunca tenha havido matizes latino-americanas, ou que seja hoje uma problemática autônoma, isolada. Quero afirmar, porém, que a *problemática ecumênica se plasma agora nos problemas, contradições, opções, lutas e esperanças reais do nosso povo*. Em outras palavras, nos reunimos e nos separamos, nos definimos e nos opomos de maneira que, muito mais direta e explicitamente do que antes, correspondem ao que está acontecendo em nossas sociedades.

Permitam-me aludir somente a dois ou três exemplos (não há espaço para mais). Quando os movimentos de Igreja e Sociedade nascem em nosso continente no início dos anos 60, eles vêm impulsionados ecumenicamente pela temática das "rápidas transformações sociais" e da "construção da nação", que refletem a situação da Ásia e da África. Em pouco mais de duas décadas o tema se redefiniu em termos do problema da depen-



Carlos Rojas

dência e libertação, das lutas populares, da luta contra a doutrina de segurança nacional e pelos direitos humanos, concebidos como a defesa integral da vida. São estes os núcleos que foram precipitando a metodologia e os lugares da reflexão teológica, as formas de militância, os desafios para as igrejas e a crise de unidade dentro delas e entre elas.

A gente pode observar que o ressurgir de uma consciência confessional, que se manifestou na *oikoumene*, também repercutiu na América Latina. Metodistas, luteranos, batistas, reformados, se reuniram para aprofundar sua tradição e identidade. Vale a pena, contudo, observar mais de perto a natureza desses encontros (por exemplo, metodistas ou luteranos) e se poderá perceber que a discussão e as tensões se concentraram na continuidade ou descontinuidade e na reinterpretação de suas tradições à luz de sua *leitura latino-americana*. Ou seja, a relação entre identidade histórica e identidade

atual, condicionada pela situação em que se encontra e a responsabilidade presente.

Pode-se dizer, por fim, que um dos conflitos mais agudos é o que os "novos movimentos religiosos" delineiam: a escalada ideológico-religiosa de evangelistas do neo-conservadorismo norte-americano, que literalmente "invadem" nossos países. No entanto, não é, por acaso, precisamente esta a dimensão religiosa de um dos conflitos globais mais agudos do nosso continente, simbolizado pela "dívida externa", ou pela Conferência de Exércitos Americanos? O que mais nos une e nos divide na América Latina do que a forma de entender e responder a estas situações?

Temas centrais

Em segundo lugar, creio que este mesmo fato, onde se delineiam duas frentes ao redor da realidade de nossas sociedades, relativizou alguns dos dilemas clássi-

cos do ecumenismo. Não no sentido de fazê-los desaparecer ou diminuir-lhes a vigência ou importância, mas sim de obrigar a olhá-los em sua relação com as temáticas centrais. Alguns exemplos:

Base/cúpula: É possível situar univocamente as coincidências e dissidências de ideologias e práticas como relação entre base e cúpulas (a menos que se faça um jogo semântico e se redefina estas últimas em função das primeiras)? Como classificar, então, um número significativo de bispos e dirigentes eclesiais que, sem renegar suas funções, fizeram claras opções de libertação e as respaldaram com sua própria vida? E os movimentos religiosos populares claramente atraídos por ideologias fascistas? O tema persiste, porque em um ou outro campo as análises devem ser diferentes, assim como os enfoques e aproximações. Todavia é impossível, e até prejudicial, fazer desta linha base/cúpula a contradição fundamental.

Teoria/ação foi uma das oposições clássicas no movimento ecumênico. Sem entrar em discussões sobre a interpretação de uma ou outra noção que gera esta oposição, a experiência latino-americana nos mostra que a reflexão teológica mais profunda e exigente foi requerida e possibilitada por uma experiência concreta que transcende a oposição teoria/ação. Talvez a experiência das comunidades eclesiais de base, ainda que não seja a única, é a que melhor manifesta este fato. A reflexão teológica latino-americana trouxe contribuições significativas em campos como a eclesiologia, a relação entre dogmática e ética, ou a relação entre transcendência e imanência na experiência de Deus, que não surgem nem de uma ação pragmática nem de uma reflexão auto-alimentada, mas, antes, de uma vivência que trazia em seu bojo a



João Francisco Esvael

Experiência de Deus: presença da doutrina na prática

doutrina e a prática. Neste sentido, a “teologia da libertação” e a oposição à teologia da libertação são ecumênicas em um sentido distinto (e distinto entre si) a de algumas das controvérsias teológicas habituais no mundo acadêmico.

Campo de conflitos

Uma reflexão análoga poderia ser feita com respeito às tensões ecumenismo eclesial/ecumenismo secular ou instituição/movimento. Não se trata de ignorar todas estas tensões, que surgem da mesma experiência ecumênica. Se trata, na realidade, não de abstrai-las e constituir-las em categorias absolutas, mas de utilizá-las na medida em que sirvam como instrumental, como elementos diacríticos, a fim de avançar na consideração das problemáticas fundamentais.

Há os que lamentam, em nosso continente, a “decadência” do movimento ecumênico. Nos últimos quarenta anos vi aparecer, desaparecer e reaparecer movimentos, iniciarem-se e dissolverem-se

diálogos e surgir outros, vi modos de ação serem traçados e postos em prática, desfeitos, modificados ou incrementados em novas direções. Participei em algumas dessas coisas e não o lamento. Não acredito na mencionada “decadência”. Acho até que a América Latina está se transformando em um grande “laboratório ecumênico”, onde se vão criando coisas novas e significativas. É certamente, mudando a metáfora, um campo de conflitos. Porém são conflitos que se enraizam na realidade (inclusive quando se trata de negá-la ou ocultá-la). Conseqüentemente, as unidades e as divisões que aí são geradas terão perspectivas de autenticidade. Precisamente por isso é que acho que voltar constantemente a referir a totalidade de nosso pensamento e atividade ecumênica a essa realidade é a tarefa ecumênica por excelência.

José Míguez Bonino, ex-presidente do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), é teólogo metodista e professor do Instituto Superior Evangélico de Estudos Teológicos (Isedet), de Buenos Aires.



Henrique Pereira Jr

Os conflitos da realidade mostram a tarefa ecumênica

Limites e abrangência do ecumenismo

Todos são chamados a fazer parte do Reino, mas alguns preferem marcar as diferenças ao invés de buscar a unidade. Nas atitudes sectárias surgem as fronteiras do ecumenismo e a distinção entre os verdadeiros discípulos e os falsos profetas



Julio de Santa Ana

O cardeal-arcebispo de Salvador, d. Lucas Moreira Neves, publicou na edição de 17 de agosto do *Jornal do Brasil*, um artigo intitulado "Ecumenismo, diálogo e sincretismo", no qual expõe com clareza e cuidado as posições dogmáticas da Igreja Católica acerca das relações ecumênicas, o diálogo com outras confissões e assinala o alcance das relações com outras religiões. O pensamento de d. Lucas Neves é fiel às definições dogmáticas da Igreja Católica, segundo as quais o ecumenismo só é possível com outras igrejas e comunidades cristãs. O diálogo está aberto e deve ser praticado como testemunho do espírito evangélico. Para d. Lucas, as relações inter-religiosas não podem e não devem

ser entendidas como expressão da prática ecumênica, ficando reservada unicamente aos membros das diversas confissões religiosas.

Esta é a definição doutrinária da Igreja Católica Romana sobre esses assuntos. Não obstante, é conhecido que a clareza dogmática deixa de ser tão precisa quando se está no terreno da prática pastoral. Aquelas coisas que a doutrina distingue cuidadosa e claramente estão muito mais entremeadas e relacionadas no plano da vida. Este resulta bem mais desordenado que o pensamento. Se bem que a reflexão dogmática tenta servir de orientação em meio à confusão que se apresenta na vida prática, muitas vezes temos que reconhecer que os fatos não

podem ser modificados de acordo com as tendências do pensamento. Pelo contrário, os fatos são obstinados, ásperos, o que significa reconhecer, algumas vezes, seu caráter inapelável.

Ambigüidades

No plano da prática pastoral é muito difícil estabelecer limites claros entre o ecumenismo, o diálogo e as relações inter-religiosas. Existem gestos que podem ser entendidos como ecumênicos, embora, segundo a intenção de seus protagonistas, sejam apenas expressão de uma atitude de diálogo. Em um mundo como este em que vivemos, onde, muitas vezes, a interpretação dos fatos é mais im-

portante que a intenção que os moveu, devemos reconhecer que os limites dogmáticos nem sempre são respeitados na prática.

É evidente o perigo desta indefinição: a falta de clareza deriva em ambigüidades inaceitáveis, em confusões que, geralmente, se expressam através de incoerências e desatinos. Isto exige que a prática se refira constantemente à doutrina para corrigir seus excessos e possíveis desvios. Mas, por outra parte, é necessário que a doutrina seja suficientemente flexível para entender e aceitar as exigências da prática. Se não for assim, se estabelece entre ambas uma tensão que chega a ser insuportável.

Neste artigo, procuramos, modestamente, perceber no contexto da doutrina e da prática quais são os limites e alcance do ecumenismo.

Que todos sejam um...

Assim se expressou Jesus ao Pai, segundo o evangelho de João, na última noite que esteve com seus amigos, os discípulos, antes de ser levado às mãos daqueles que conspiraram contra ele, até levá-lo à cruz (Jo 17,21). Seu pedido não foi apenas pelos doze discípulos que o acompanhavam, mas também por aqueles que, crendo no testemunho dos apóstolos, chegarão a ter fé em Jesus como Messias de Deus (Jo 17,20). Se trata de uma oração pela unidade dos cristãos.

São Paulo, posteriormente, acentua este aspecto. Aqueles que têm fé em Cristo, não importa qual seja sua origem social, sua cultura, sua raça, estão unidos através do batismo. A fé transcende as estruturas e barreiras que tradicionalmente separam os seres humanos. Na epístola aos Gálatas, São Paulo escreveu: "Vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus, pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus" (Gl 3,26-28). A unidade pela fé daqueles que acreditam em Jesus como Messias é um dom de Deus que encontra sua expressão visível no fato de que todos foram batizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Entretanto, à medida que o Evangelho era anunciado e a Igreja crescia, teve início uma tomada de consciência de que o alcance da ação salvífica de Deus através do Messias, Jesus, não se limitava exclusivamente aos batizados. A ação de Deus, criador do céu e da terra, tem uma dimensão cósmica, alcança todas as coisas com sua graça redentora. Ou seja, ao mesmo tempo que se experimenta-

va a grande expansão da Igreja, os cristãos começaram a aprender que o anúncio do amor redentor de Deus dava como resultado uma abertura missionária constante nas comunidades cristãs, que estão orientadas para atuar além da Igreja, cuja missão é levar a mensagem do Evangelho a todas as nações. Portanto, todo o mundo habitado — a *oikoumene* — está englobado no projeto redentor de Deus. Foi novamente São Paulo que expressou esta tomada de consciência que surgiu entre os cristãos na segunda metade dos anos 50 do primeiro século. Falando de Cristo aos Colossenses, São Paulo diz: "Ele é o princípio, o primogênito dos mortos (tendo em tudo a primazia), pois nele aprovou a Deus fazer habitar toda a Plenitude e reconciliar por ele e para ele todos os seres, os da terra e os dos céus, realizando a paz pelo sangue da sua cruz" (Cl 1,18-20).

Primazia de Cristo

Esta Carta aos Colossenses é muito interessante. Tratava-se de uma comunidade que São Paulo não conhecia diretamente. O problema que se delineava ali resultava da curiosa combinação que os colossenses faziam de elementos da doutrina judaica com outros, característicos da filosofia helênica, cujo resultado era uma clara expressão de sincretismo. Ou seja, se tratava de um caso concreto de relações inter-religiosas, de um diálogo no qual participavam os que acreditavam em Jesus, sem ter as coisas muito claras. O importante nesse caso, diz São Paulo, era reafirmar a primazia de Jesus Cristo. O outro discurso não era mais do que expressão de uma filosofia vã, "segundo a tradição dos homens, segundo os ele-

mentos do mundo, e não segundo Cristo" (Cl 2,8). Se vivemos conforme as orientações que surgem da fé em Jesus, as críticas que se pode receber por fazer isto ou aquilo, carecem de fundamento: "Portanto, ninguém vos julgue por questões de comida e de bebida, ou a respeito de festas anuais ou de lua nova ou de sábados, que são apenas sombra de coisas que haviam de vir, mas a realidade é o corpo de Cristo" (Cl 2,16-17). Através da obra redentora de Deus que, como se disse, tem para São Paulo um alcance cósmico, chegando a todos e a todas as coisas, vai surgindo uma nova criação: "Vós vos desvestistes do homem velho com as suas práticas e vos revestistes do novo, que se renova para o conhecimento segundo a imagem do seu Criador. Aí não há mais grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre, mas Cristo é tudo em todos" (Cl 3,9b-11; cf. também Ef 4,1-12).

Pode-se perceber como, mediante a evolução da prática das comunidades, as definições doutrinárias de São Paulo deixam de ser rígidas. O dogma orienta a ação pastoral, porém não pode anulá-la. A tensão entre os dois exige uma alta dose de prudência, que desaparece quando a pastoral ignora a doutrina, mas também quando o dogma desqualifica a ação das comunidades cristãs. Esta prudência levou Paulo a compreender que a obra *ecumênica* e *cósmica* de Deus em Cristo cobre a realidade universal. Daí se deduz que, na administração prudente da tensão que se cria entre dogma e prática pastoral, o ecumenismo é sempre um movimento aberto, que acolhe, cheio de simpatia e compreensão. Corresponde às palavras de Jesus: "Vinde a mim todos os que estais cansados sob o



Comunidades: abertura missionária para atuar além da Igreja

peso do vosso fardo e eu vos darei descanso" (Mt 11,18).

Esta obra cósmica de Deus através do Cristo Jesus consiste na transformação deste mundo em Reino de Deus. É um Reino de justiça, prometido em primeiro lugar aos que sofrem injustiças, aos que são frágeis como as crianças, aos que sofrem perseguição porque aspiram a um estado de coisas onde tenha vigência o direito dos mais débeis. *Todos*, sem exceção, dentro da sociedade, estão chamados a participar nesse Reino. É o que nos ensina a parábola do banquete que narra São Lucas (Lc 14,1-24). Na vida cotidiana o convite para entrar no Reino não faz exclusões. Na versão de São Mateus, inclusive, se assinala: "Ide, pois, às encruzilhadas e convidai para a núpcias todos os que encontrardes". E esses servos, saindo pelos caminhos, reuniram todos os que encontraram, *maus e bons*, de modo que a sala nupcial ficou cheia de convivas" (Mt 22,9-10;

ênfase nossa). "Mas todos, unânimes, começaram a se desculpar" (Lc 14,18).

Prova da práxis

Como se sabe, *não foram todos os convidados que tomaram parte no banquete*. Alguns não o fizeram por razões próprias. Ou seja, se excluíram a si mesmos. A parábola exposta por Jesus fala do amor ecumênico e universal de Deus. Todos os que existem no mundo habitado são chamados. Seu amor se irradia até os confins do cosmos. Sem dúvida, há os que se omitem. Não estão interessados na unidade. São sectários, se excluem por conta própria, preocupados sobretudo em marcar as diferenças, ao invés de buscar a unidade.

É em relação a estes que surgem as fronteiras do movimento ecumênico. O ponto de convergência, o nexos de união é a participação na obra de Jesus: a realização do Reino de Deus. Todo aquele

que contribui para fazê-lo presente, transformá-lo em coisa perceptível na vida de homens e mulheres, se une àqueles que o esperam e crêem em sua realidade. Por causa desse Reino organizam a própria vida de acordo com seus valores: justiça, fraternidade, alegria, paz... Tudo mais vem por acréscimo (cf. Mt 6,25-34). Esta unidade em torno do Reino, da obra de Jesus, é o que constitui a dinâmica do movimento ecumênico. Ninguém pode negar a importância de elementos doutrinários para a sua orientação. Mas, ao mesmo tempo, a prática da justiça põe os homens e mulheres juntos, ombro a ombro, lado a lado, em marcha pelos mesmos caminhos. Ali caminham tanto os que "crêem no céu como os que não crêem". Por isso, a unidade dos cristãos não pode estar separada da unidade do movimento popular.

Os que se voltam contra este processo se separam do movimento ecumênico. Ainda que muitas vezes integrem organizações interdenominacionais, sua omissão de caminhar junto aos herdeiros do Reino, sua recusa em ser solidários com os mesmos, os transforma em agentes de divisão. Não contribuem para a causa da justiça nem para a da fraternidade. Esta atitude sectária não pode ser vista através do prisma do dogma, mas se define no campo da prática pastoral. As palavras e o discurso podem ser muito louváveis. Podem, inclusive, fomentar respeito. Mas, sem dúvida, a prova se dá no plano da práxis. Ali é possível fazer a distinção entre os verdadeiros discípulos e os falsos profetas, "que vêm a vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes. Pelos seus frutos os conhecereis" (Mt 7,15-16a).

Julio de Santa Ana é teólogo metodista e diretor do Centro Ecumênico de Serviço à Evangelização e Educação Popular (Cesep). É autor de, entre outros, *Ecumenismo e libertação* (Vozes).



A unidade dos cristãos está ligada à unidade do movimento popular



Movimento popular como espaço ecumênico



Douglas Mansur

O ecumenismo vai ganhando novas expressões nos dias atuais. Pelo seu dinamismo e significação é um dos sinais mais relevantes do século 20. Ultrapassando os limites eclesiais alcança os movimentos populares. Esperanças e questionamentos são levantados nesse novo estágio da caminhada ecumênica

Jether Pereira Ramalho

A ampliação da perspectiva ecumênica tem sido um dos temas mais debatidos, nos últimos anos, na América Latina. Há, sem dúvida, um processo de ultrapassagem do chamado ecumenismo institucional — sem negar-se o seu valor — para uma concepção mais abrangente, que valoriza não somente a unidade da Igreja e dos cristãos, mas que se compromete com a unidade dos povos, primordialmente dos setores populares.

Não se trata de questões simples ou de uma intenção de cooptar para o ecumenismo a crescente pujança dos movimentos populares. A proposta ecumênica é muito mais rica e responde às expectativas dos dias de hoje. É considerada

como um dos sinais dos tempos do nosso século. Somente grupos cegos pelo sectarismo podem-se opor à sua caminhada. Possui mística tão fecunda que não pode ser monopolizada, nem por instituições, nem por confissões religiosas. É fenômeno dinâmico e desafiante, questionador de doutrinas acabadas e de verdades absolutas. Está presente na agenda dos povos. É utopia que se vai tornando realidade.

Movimento popular: espaço ecumênico?

A própria concepção de movimento popular é abrangente e complexa. Engloba formas diversas de organização do povo, em distintas conjunturas sociais. Não

se trata, especificamente, de determinada forma de ação de trabalhadores. Aglutina expressões culturais e religiosas populares, além de um sem número de ações que afirmam os direitos fundamentais de uma vida digna. É uma nova concepção de sujeito histórico que está irrompendo nos nossos países e que, por ser popular, já é em si mesma ameaça aos grupos dominantes.

A aspiração à unidade, nem sempre muito nítida, é uma das marcas do movimento popular. Certamente que uma concretização assim não é fácil, e que até apresenta recuos. Mas essa utopia é alavanca do processo de fortalecimento do movimento popular, pois seus alicerces fundamentais estão fincados nos interes-

ses comuns dos participantes. É forjada a partir das necessidades dos pobres. É embrião da vocação protagônica da grande maioria da população empobrecida e explorada.

A unidade simboliza, na sua profunda expressão, a mais alta aspiração dos pobres do continente latino-americano. Somente unidos podemos vencer, é "slogan" por demais conhecido. Daí todos os esforços que os que mantêm a estrutura injusta do poder fazem para dividir o povo e enfraquecer-lhe o movimento. E as religiões têm sido eficazes agentes de desunião.

A unidade, entretanto, é mais que uma aspiração: é também prática e processo. Por mais frágil que seja, é semente de libertação. É o desencadeamento do projeto histórico que se está gestando, passo a passo, ainda impreciso e deficiente, nas organizações populares dos nossos países.

E o que se pode ter de mais ecumênico do que esse projeto e da sua caminhada? O ecumenismo passa a ser bandeira de luta, inspirador e fortalecedor da organização popular.

Não se trata de cooptar os movimentos populares, em suas diversas manifestações, e colocá-los nos limites das igrejas e das suas pastorais. O ecumênico marca novo nível de relação entre os homens. Articula uma nova lógica da sociedade, a partir da maioria empobrecida da nossa população.

Desta forma se afirma a mútua relação entre o movimento ecumênico das igrejas e a aspiração de unidade dos setores populares. A perspectiva popular do ecumenismo não é algo que vem de fora, pertence à própria essência da proposta ecumênica: a dignidade de vida para todos.

O movimento ecumênico ressalta duas grandes vocações que devem estar presen-

tes, permanentemente, no projeto popular: a *unidade* e *universalidade*. Relativiza as possíveis diferenças existentes para evitar que se tornem sectárias; ultrapassa a barreira das nações, para fugir da xenofobia; e dialoga com as confissões, para que não se transformem em dogmas.

O movimento popular torna-se espaço ecumênico não só pelas ações concretas que englobam interesses comuns, como a luta pela terra, pelo trabalho, pela justiça, pela paz, mas porque, no seu eixo central, está o que é fundamental no ecumenismo — garantia de dignidade plena de vida para todos.



Douglas Mansur

Unidade: aspiração dos pobres



Douglas Mansur

Ecumenismo: bandeira de luta que fortalece o movimento popular

Movimento ecumênico: espaço popular?

Na origem primeira do movimento ecumênico não vamos encontrar a hegemonia dos interesses da instituição eclesial como eixo central. Eram movimentos preocupados com a paz, com o serviço aos pobres, com as questões da unidade e com os direitos fundamentais da pessoa humana. Os sinais do Reino eram os objetivos fundamentais.

Passa, em seguida, por uma fase em que essas inspirações traduzem-se em temas institucionais, e criam-se instâncias capazes de possibilitar-lhe a concretização. A ênfase hegemônica desloca-se, também, para a constituição de canais de ação conjunta das igrejas ou de foros de diálogos interconfessionais. Mesmo assim, dentro das igrejas o projeto ecumênico foi compromisso importante apenas para uma minoria dos participantes. O ecumenismo institucional não conseguiu ser um fenômeno popular. Deve-se reconhecer, entretanto, que foi capaz de gerar e dar legitimidade a movimentos ecumênicos que se comprometeram fortemente com as lutas pela justiça e com as organizações populares.

Vive-se hoje, em muitos lugares, um novo momento eclesial, que ultrapassa as concepções da clássica confessionalidade: A opção pelos pobres, assumida por diversas igrejas, passou a ser a marca e a condição de fidelidade ao Evangelho de Cristo. Produziu-se, portanto, uma nova tensão no movimento ecumênico, que pressiona modificações no seu eixo hegemônico de ação. Ele não pode ser, preferencialmente, instrumento de boas relações entre igrejas, espaço de diálogo interconfessional ou se satisfazer com o progresso da unidade entre os cristãos. É desafiado a se integrar na grande luta pela plenitude de vida, alvo maior dos movimentos populares.

A Teologia da Libertação, a leitura da Bíblia na perspectiva dos pobres e a nova compreensão da espiritualidade vêm dar força a essa nova prática pastoral e à nova percepção do ecumenismo.

Ainda é longo o caminho a percorrer pelo movimento ecumênico para se tornar um espaço popular, de forma a transformá-lo em lugar onde se expressem as aspirações, as debilidades, os avanços e recuos dos setores populares.

Com a opção pelos pobres, as igrejas e o movimento ecumênico tomam partido a favor das maiorias da população, pois estão certos de que esta opção pertence ao núcleo da fé em Jesus Cristo e faz parte fundamental da missão evangélica. Passam a ser não somente um serviço ao movimento popular, mas con-

tribuem para reafirmar, a partir da perspectiva da fé, as dimensões fundamentais do movimento popular e do ecumenismo — a unidade e a universalidade.

Fazer do movimento ecumênico um espaço popular não é nem concessão nem tática. Exige significativa transformação de estilos de trabalho, de formas organizativas, de conteúdo e de perspectivas de sociedade. Não se desenvolve de ma-

neira genérica ou espontânea. Vai amadurecendo na prática, na compreensão das novas formas de ser igreja e na construção de uma sociedade igualitária e fraterna.

Não é trabalho fácil e sem grandes questionamentos. Entre eles coloca-se o desafio de como uma proposta ecumênica popular pode ser ao mesmo tempo proposta para todos e não somente para os setores populares. Reconhecer a mú-

tua relação entre a vocação ecumênica das igrejas e a vocação unitária dos pobres significa envolver-se no campo dos conflitos, característica de nossa sociedade.

O ecumênico como fortalecimento da esperança

Certamente para o povo dos nossos países subdesenvolvidos os dias atuais não são fáceis. Os mecanismos de dominação se sofisticaram, ganharam novas caras e se encobriram na roupagem da modernidade. Há mais pobres do que nunca no mundo de hoje, são milhões em níveis de miserabilidade. Isso é fato questionador diário das igrejas e da sociedade.

Há, entretanto, outros sinais que não podem ser omitidos: a crescente consciência, por parte dos pobres, da injustiça de sua situação, a maior amplitude e densidade das suas organizações, o compromisso de muitas igrejas com as lutas populares e a perspectiva ecumênica de construção da paz, da justiça e da vida.

O movimento ecumênico se fortalece na medida em que expressa a grande utopia da unidade dos pobres, e possibilita a universalidade das suas lutas, e celebra as suas conquistas como avanços do Reino. Manter e aquecer a chama de uma nova *oikoumene* é a mística que nos inspira e fortalece.

(Observação: Estas reflexões foram inspiradas nos documentos "Organizar a esperança" e "O ecumênico como testemunho da esperança", do Encontro Latino-Americano e Caribenho de Organismos Ecumênicos — Quito — 1988.)



Douglas Mansur

Os mecanismos de dominação têm novas caras. E o povo?

Ecumenismo e movimento operário

Ecumenismo é um ato político, importante demais para ser deixado nas mãos de autoridades eclesásticas, ou reduzido a encontros e jantares formais. No movimento ecumênico, agir é mais importante do que crer, porque ecumênica é a capacidade de conviver com diferenças, de construir relações mútuas de solidariedade e de corresponsabilidade. Ecumenismo é um escutar criativo, um compartilhar experiências e um diálogo de culturas. E nesta perspectiva muito concreta e identificável de ação social e religiosa, o ecumenismo é uma contribuição decisiva para a evolução do movimento operário, das lutas dos



Vera Jursys

trabalhadores e na construção de novas utopias. A luta dos trabalhadores é por condições mais dignas de vida e para construir uma sociedade onde caibam todas as diferenças que não signifiquem exploração e opressão. É a luta por uma sociedade solidária, que redefina a relação entre ética, economia e política. Uma sociedade mais justa, que reivindique novas formas de ser igreja, e onde o ecumenismo seja um valor absolutamente fundamental.

(Aloizio Mercadante Oliva — coordenador do Programa "Memória e Acompanhamento do Movimento Operário" do CEDI.)



Caminhos da unidade

Odair Pedroso Mateus

Há uma utopia inscrita no coração da prática e das palavras de Jesus de Nazaré, preservada no registro dos evangelhos e visível no testemunho e na pregação da Igreja Cristã dos primeiros séculos: é a utopia da unidade dos povos, iniciativa libertadora de Deus que aprendemos a reconhecer na história passada e presente com a ajuda das Escrituras cristãs e da memória constituída nos caminhos (e descaminhos) das igrejas. Por ser utopia inscrita no coração da vida evangélica, ela animou no passado e encoraja cada vez mais no presente um estilo de vida (freqüentemente em conflito com a própria instituição eclesial) que se configura na denúncia e rejeição de estruturas econômicas, ordenamentos sócio-políticos, expressões culturais e (inclusive) religiosas que reproduzem a divisão entre os povos, e no anúncio e antecipação concreta da unidade desejada.

O testemunho da Igreja Cristã dos primeiros séculos reflete a utopia inscrita nas palavras de Jesus de Nazaré. Atualmente, o movimento ecumênico vive a tensão entre a fidelidade à iniciativa libertadora de Deus e a tentação de ceder a formas de celebração dos que morrem antes do tempo

Quero sustentar a seguir que a prática cristã ecumênica é herdeira dessa utopia inscrita no coração do evangelho e que o conjunto dessa prática, que chamamos "movimento ecumênico", vive hoje agudamente a tensão entre a fidelidade à iniciativa libertadora de Deus — a denúncia e rejeição daquilo que divide os povos em nome da reconciliação de tudo e todos em Cristo — e a tentação de ceder a formas de unidade antiecumênicas que se expressam através de certo tipo de discurso teológico sob o qual os que participam direta ou indiretamente da reprodução da morte querem celebrar

o batismo, a eucaristia e o ministério na companhia dos que morrem antes do tempo.

O caminho da unidade das igrejas...

Começo fazendo uma afirmação que, em princípio, colide com o que acabei de afirmar: na forma da luta pela unidade das igrejas cristãs o movimento ecumênico contemporâneo surgiu no interior e, em certa medida, em decorrência da expansão imperialista ocidental primeiramente européia e depois também norte-americana, nos séculos 19 e 20. Beneficiando-se desse projeto colonialista



(o que não chega a ser novidade), as igrejas protestantes difundiram-se pelas colônias e cooperaram — deliberadamente ou não — para a legitimação do projeto, ora acreditando-se veículos de uma forma mais avançada de religião e civilização, no caso das igrejas européias, ora atuando, como no caso das norte-americanas, como embaixadas da predestinação norte-americana de instalar na terra, mesmo a preço de sangue, sua versão semi-secularizada do reino de Deus.

O paradoxo da ocupação de amplos espaços através de um conjunto pulverizado de inúmeras agências missionárias e igrejas, somado à experiência amarga por que passaram muitos missionários, do testemunho dividido de um mesmo Senhor, evidenciaram a racionalidade inescapável da cooperação. É por isso que na tradição oral (e até escrita) do movimento ecumênico a missão cristã aparece — muitas vezes sem a devida precaução crítica — como a matriz da unidade das igrejas que seria buscada no futuro através do movimento ecumênico, em geral, e do Conselho Mundial de Igrejas, em particular.

Mas a lógica da cooperação não operou apenas a partir das periferias do sistema vigente no Ocidente. Ela triunfou igualmente no seu centro, nas metrópoles, e, neste caso, como resultado do desafio que o custo humano do triunfo do capitalismo representou para as igrejas. A partir da segunda metade do século 19 uma variedade de movimentos e organizações surgiu em razão da preocupação com uma presença cristã ativa no interior de uma sociedade que revelava contradições que culminariam, por exemplo, na eclosão da primeira guerra mundial.

Esses são os marcos históricos da primeira etapa do movimento ecumênico. Da frente local (Europa e Estados Unidos) e da frente missionária surgiram movimentos e organizações como as sociedades bíblicas, as associações cristãs de moços e feminina, a Liga Cristã para a Defesa da Paz e a Federação Mundial de Estudantes Cristãos, entre outros. Nu-

ma segunda etapa, essas iniciativas ganharam maior institucionalização ao mesmo tempo em que aumentou a repercussão de sua presença junto às igrejas: a cooperação missionária, depois da Conferência de Edimburgo, em 1910, organizou-se em Conselho Missionário Internacional; as iniciativas empenhadas em respostas cristãs concretas para os desafios históricos reuniram-se em torno do Movimento Vida e Trabalho (1925); os que se defrontavam com os obstáculos teológicos e doutrinários à unidade das igrejas organizaram-se como Movimento Fé e Ordem (1927). Vale notar, a esta altura, que de um quadro histórico algo diferente — o Oriente Médio em modernização, marcado pelo desafio islâmico — viria mais um sinal de que o tempo da unidade das igrejas a serviço da utopia dos povos havia chegado: o patriarcado de Constantinopla, da Igreja Ortodoxa, sugeriu às igrejas cristãs, em 1919, a criação de uma liga de igrejas, inspirado em parte na nascente Liga das Nações.

Descendente direto da Conferência Missionária de 1910 e, mais imediatamente, dos movimentos “Vida e Trabalho” e “Fé e Ordem”, o Conselho Mundial de Igrejas — “comunidade de igrejas que confessam o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador de acordo com as Escrituras...” — deveria se organizar em 1942 mas só pode fazê-lo depois da segunda guerra, em Amsterdã, 1948. Basta essa frase para indicar que o CMI se constituiu na ligação estreita e muitas vezes dinâmica entre a busca da unidade das igrejas, através da cooperação missionária e do debate teológico-doutrinário, e a urgência indispensável de um testemunho concreto relevante no interior de um quadro histórico turbulento.

Sei que é pouco ecumênico falar do movimento ecumênico através de seus grandes eventos, mas a menção das assembleias mundiais do CMI — que se reúnem aproximadamente a cada sete anos e definem as linhas mestras de atuação do Conselho — ajuda a visualizar a disposição do movimento ecumênico de tomar

a sério a conjuntura histórica: na Europa semidestruída do pós-guerra a assembleia de 1948 reuniu-se sob o tema “A desordem humana e o desígnio de Deus”; em meio à guerra fria e ao risco atômico a assembleia de Evanston (EUA), 1954, afirmou “Jesus Cristo, a esperança do mundo”; no curso de múltiplas lutas de libertação e de convulsões libertárias em todo o mundo, Uppsala (Suécia), 1968, afirmou “Eis que faço novas todas as coisas”; nos anos setenta, de armamentismo, transnacionalização e militarização, Nairobi, 1975, afirmou que “Jesus Cristo liberta e une”, e sob o risco da catástrofe nuclear e ecológica, Vancouver (Canadá), 1983, fiel à tradicional “concentração cristológica” do movimento ecumênico, reuniu-se sob o tema “Jesus Cristo, a vida do mundo”.

Passados quarenta anos da fundação do Conselho Mundial de Igrejas é difícil hesitar em face de sua decisiva contribuição à unidade das igrejas e à relevância do testemunho cristão nas mais variadas situações. Mais do que nunca essa família nem sempre pacífica de mais de trezentas igrejas está próxima de um surpreendente entendimento em torno de questões que as dividem há séculos, como o batismo, eucaristia e ministério; mais do que nunca essas igrejas estão conscientes de sua responsabilidade em face da luta pela justiça, paz e proteção do meio-ambiente; nunca como nestes últimos anos a condição, nas igrejas e fora delas, dos negros, das mulheres e dos pobres foi tão debatida e alvo de tanto empenho por parte da comunidade de igrejas reunidas no Conselho Mundial. Claro que isso não é tudo, como a próxima seção procurará deixar claro. Acredito, entretanto, ser inquestionável que no curso de um século as igrejas protestantes e ortodoxas, motivadas em larga extensão pelo seu próprio laicato, moveram-se dos limites demarcados ora pelo próprio passado, ora por sua inscrição no projeto histórico ocidental, branco e burguês, e aproximaram-se de um outro caminho — “sobremodo excelente” —



pelo qual transita hoje com dor e esperança a utopia da unidade dos povos.

Felizmente, é hora de registrar, as fronteiras da *oikoumene* cristã não são as fronteiras da comunhão e do serviço de protestantes, anglicanos e ortodoxos. Nos últimos trinta anos — às vezes com avanços surpreendentes, às vezes com recuos perturbadores — a Igreja Católica vem demonstrando que ao redefinir-se em face do mundo moderno redefiniu-se também em presença do movimento ecumênico. Se em 1910 ela nem mesmo respondeu ao convite para a Conferência Missionária de Edimburgo, cinquenta anos depois, no Concílio Vaticano 2º, o ecumenismo mereceu dois textos importantes, seguidos da intensificação da cooperação católica com o CMI e do diálogo bilateral e multilateral com todas as grandes tradições cristãs. Me ocorre, a esta altura, que tudo isso soaria inacreditável a um hipotético observador da conjuntura histórica e eclesial de um século atrás.

... é o caminho da unidade dos povos

A fidelidade à abrangência do ideal ecumênico — que de modo algum se esgota na unidade das igrejas — exige que

a constatação das conquistas seja submetida ao juízo rigoroso de seus próprios limites. E esse juízo, que é ao mesmo tempo uma palavra de evangelização dirigida ao movimento ecumênico, é hoje mediado pelas interrogações radicais que a vivência da fé cristã nas periferias do mundo — da qual o exemplo latino-americano é emblemático — coloca para o próprio movimento ecumênico.

A emergência das classes populares latino-americanas, sucedendo o colapso do desenvolvimentismo populista e, hoje, escapando da sedução das democracias de minorias, repercutiu no interior do sinuoso movimento ecumênico latino-americano, tanto na forma da superação dos modelos de ecumenismo engendrados e limitados pela dependência do sujeito histórico que sempre se opôs às forças portadoras da utopia, quanto no esboço de um projeto ecumênico popular que, a partir da solidariedade ativa com as minorias majoritárias do continente, encontra a unidade cristã no caminho da promoção da unidade dos povos.

Esse novo — e antigo — caminho, aberto pela juventude ecumênica latino-americana e demarcado pela ação e reflexão do movimento ecumênico Igreja e Sociedade na América Latina vai sendo ampliado e pavimentado — ao preço inclusive do martírio — pela experiência ecumênica forjada na solidariedade ativa com os índios, os sem-terra, as crianças abandonadas, os negros e as mulheres. Seu impacto no movimento ecumênico internacional, bastante visível a partir dos anos sessenta vai tornando cada vez mais evidente para as igrejas que as divi-

sões confessionais, contra as quais elas querem com justiça lutar, se resolvem com freqüência surpreendente nas divisões econômicas, sociais, políticas e culturais que elas não podem mais ignorar; que é uma trágica ilusão superestimar convergências no plano da linguagem teológico-doutrinária que podem induzir à falsa consciência e até mesmo promovê-la; que a fidelidade ao espírito inclusivo e libertador do ecumenismo instaura a exigência de que os caminhos da unidade das igrejas transitem e sejam julgados pelos caminhos da unidade dos povos.

Conclusão

Observei no início que o movimento ecumênico vive hoje uma tensão crítica. A ofensiva conservadora e neoconservadora que se constitui num dos traços destes anos 80 repercutiu no interior do movimento ecumênico através de tentativas restauradoras de submetê-lo crescentemente à rigidez pouco promissora da expressão institucional das igrejas, ou ainda através de projetos de unidade que se limitam a reeditar as instituições e que ignoram as raízes reais das divisões. Melhor do que oferecer soluções é sugerir que entre nós a forma da esperança seja fecundada pela memória destes últimos anos.

Odair Pedroso Mateus é editor-assistente da revista *Estudos de Religião* e membro do conselho diretor do Instituto Ecumênico do Conselho Mundial de Igrejas.



Meditações de Rubem Alves em promoção

Poesia, profecia, magia 80 páginas

Rubem Alves lança aqui meditações sobre a busca do lugar onde as palavras mágicas são pronunciadas, palavras que transfiguram o corpo, que dão sentido à vida e provocam a alegria em meio à noite...

DE Cz\$ 1.564,00 POR APENAS Cz\$ 1.100,00

Pai Nosso 146 páginas

Com a sua linguagem simples e profunda, Rubem produziu o terceiro livro da série *Meditações*. As petições da Oração Dominical são relidas a partir de suas múltiplas contextualizações.

DE Cz\$ 1.500,00 POR APENAS Cz\$ 1.050,00

Creio na ressurreição do corpo 74 páginas

Meditações que invocam a alegria e a beleza para a celebração da esperança na ressurreição do corpo.

DE Cz\$ 1.610,00 POR APENAS Cz\$ 1.127,00

Faça seu pedido através de cheque nominal para o CEDI — Centro Ecumênico de Documentação e Informação — Av. Higienópolis, 983 CEP 01238 — São Paulo — SP ou envie vale postal à Agência do Correio 403911 — Santa Cecília — São Paulo — SP.

CLAI

Esperança solidária

A 2ª Assembléia Geral do Conselho Latino-Americano de Igrejas fortalece o movimento ecumênico e reafirma seu compromisso de servir a Cristo e proclamá-lo no continente, acima das fronteiras denominacionais ou confessionais



O Clai é uma fraternidade de igrejas e movimentos cristãos, resultante de um processo de aproximação e diálogo entre o povo de Deus, iniciado no princípio do século 20. O Congresso Evangélico do Panamá (1916) tem sido considerado o ponto de partida deste processo. Desde aí as igrejas começaram o esforço por demonstrarem que em Cristo elas são um só povo de Deus.

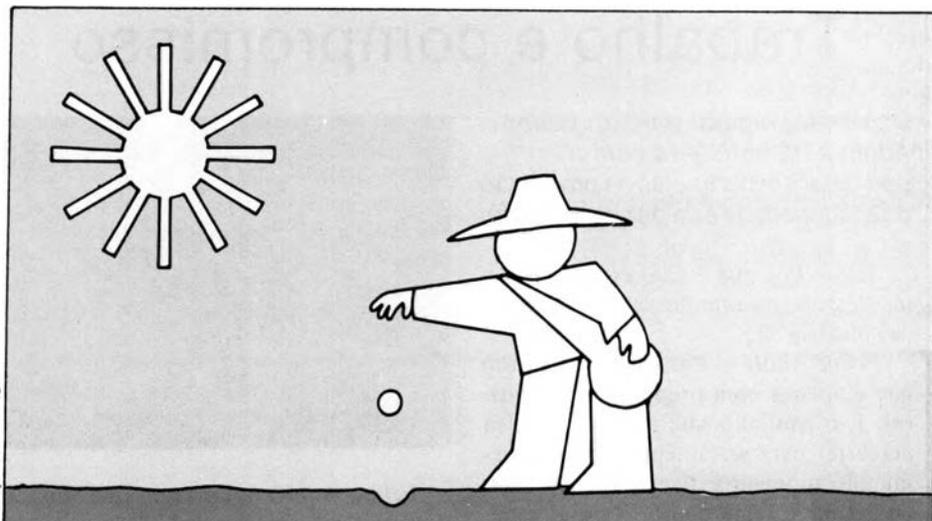
Em 16 de novembro de 1982, este processo alcançou momento marcante, ao se proclamar em Huampani, Peru, a Constituição do Conselho Latino-Americano de Igrejas.

Nascido do desejo de servir a Cristo e proclamá-lo no continente, o Clai busca ser um lugar de encontro e diálogo, um espaço para a adoração ao Senhor, em unidade, e para que as igrejas busquem os elementos básicos de testemunho comum e expressem o amor que seus membros devem ter uns para com os outros, por sobre as fronteiras denominacionais ou confessionais.

O Clai é um organismo de promoção e coordenação das Igrejas. Não tem autoridade sobre seus membros nem pode intervir em suas doutrinas, governo, prática ou culto.

Quais são os seus objetivos?

1. Promover a unidade do povo de Deus na América Latina, como expressão local da Igreja Universal de Cristo e como sinal e contribuição à unidade do povo latino-americano.



Alejandro Rodríguez Juele

2. Aprofundar a unidade que já temos em Cristo, reconhecendo a riqueza que representa a diversidade de tradições, confissões e expressões de fé, reflexões, ensinamentos, proclamação e serviço, tendo em conta a realidade latino-americana.

3. Ajudar seus membros a descobrir sua própria identidade e compromisso, como cristãos, com a realidade do continente, na busca de uma ordem de justiça e fraternidade.

4. Estimular e apoiar seus membros na tarefa de evangelização, como sinal de sua fidelidade ao mandato do Senhor e de sua presença entre os povos latino-americanos.

5. Promover a reflexão e o diálogo teológico e pastoral em torno da missão

e testemunho cristão no continente e no resto do mundo.

Quem são os integrantes do Clai?

— Fazem parte da fraternidade do Clai atualmente mais de cem igrejas e movimentos da América Latina.

— O Clai inclui igrejas pentecostais, luteranas, metodistas, episcopais, presbiterianas, congregacionais, reformadas, valdenses, menonitas, batistas, evangélicas unidas e ortodoxa.

Há três categorias de membros:

— *Plenos*: São as igrejas devidamente constituídas e presentes em um ou mais países latino-americanos, que preencham os requisitos do Regimento.

— *Associados*: São as organizações interdenominacionais ou ecumênicas cujo âmbito de ação alcance duas ou mais regiões do Clai e preencham os requisitos do Regimento.

— *Fraternais*: São as igrejas e organismos denominacionais, interdenominacionais ou ecumênicos que, desejando filiar-se ao Clai, não preenchem os requisitos do Regimento para serem membros plenos ou associados.

Qual a contribuição do Clai?

Para o cumprimento de seus objetivos, o Clai conta com as seguintes secretarias de serviços:

— *Evangelização*: Busca servir a comunidade cristã em sua missão de compartilhar o Evangelho.

Esta Secretaria realiza encontros periódicos de capacitação evangelizante e publica mensalmente uma revista, *Juntos, Carta Abierta de Evangelización* (em espanhol).

Propõe também o intercâmbio de informações e materiais que ajudam na reflexão e prática pastoral das igrejas.

— *Promoção e Comunicação*: Favorece e incentiva o processo da unidade cristã e compartilha as reflexões e experiências que as igrejas vão tendo no cumprimento de sua missão pastoral.

Promove também um melhor relacionamento entre o Clai e seus membros, tanto a nível nacional como continental.

Seu trabalho informativo realiza-se principalmente através da revista mensal *Rápidas*, em espanhol, na qual difunde os acontecimentos mais significativos nos meios cristãos latino-americanos e do resto do mundo.

— *Pastoral de Consolação e Solidariedade*: Faz sentir sua presença junto às igrejas em testemunho de solidariedade nas situações de crise social ou em ocasiões de desastres naturais que afetam as pessoas e os povos do continente. Chama também a atenção para os atos de injustiça e violação dos direitos humanos

que ocorrem em nossos países. Publica *Pastoral Solidária* em espanhol.

— *Pastoral de Mulheres e Crianças*: Estabelece um ministério pastoral com as mulheres, para ajudá-las a expressar suas inquietações e contribuições para a Igreja e a sociedade. Busca também sensibilizar as igrejas para que assumam um ministério pastoral integral com as crianças, à luz de suas características e necessidades próprias.

— *Pastoral Aborígine*: Promove o conhecimento da realidade econômico-social e religiosa dos grupos aborígenes. Procura também aproximar-se de suas comunidades, especialmente de suas igrejas e congregações cristãs.

— *Assessoria de Ação Social e Desenvolvimento*: Estimula a participação das igrejas no desenvolvimento da comunidade maior e oferece elementos para a interpretação da realidade latino-americana.

(Extraído do folheto "Unidos na proclamação e no serviço", do Clai)

Trabalho e compromisso

O secretário-geral do Clai, Felipe Adolf, está satisfeito com a participação das igrejas na promoção da solidariedade e da paz com justiça.

TP — Por que o Clai escolheu o tema "Igreja: a caminho de uma esperança solidária"?

Arquivo Clai  Felipe Adolf — Para nós, a caminho não é apenas uma preposição gramatical. É o caminho que a Igreja precisa percorrer para ser autêntica. Em determinado momento, tivemos a tentação de definir o tema como "Igreja: esperança solidária". Imediatamente percebemos que era uma visão triunfalista. Para tornar-se uma esperança solidária, a Igreja precisa percorrer um caminho de testemunho.

Também é muito importante a questão da *esperança solidária*. Queremos que a Igreja, como comunidade de fé, não seja uma esperança individualista, fora do contexto, mas uma esperança na perspectiva do próximo, daquele que está ao nosso lado. A verdadeira esperança é solidária.

TP — O Clai está cumprindo seu papel junto às igrejas e ao povo na América Latina?

Felipe Adolf — Eu creio que sim. A demonstração mais palpável disso é que as igrejas estão participando ativamente do Clai. As igrejas é que estão solicitando ao Clai que pratique gestos de solidariedade, de apoio, de acompanhamento ético em diferentes situações.

Eu diria que o Clai tem basicamente três elementos ou trabalhos fundamentais. O primeiro é o trabalho que a Junta vem realizando muito próximo às igrejas, isto é, acompanhar as igrejas para motivá-las a buscar a unidade. Parece-me que isto é uma coisa que se tem conseguido. Os secretários estão em contato constante com as igrejas, com os organismos de todos os países da América Latina, e isto se nota. O Clai não é

um organismo que funciona em algum lado e do qual o povo fica sabendo por alguma carta ou por alguma circular. Ao contrário, os secretários, os membros da Junta Diretiva, estão junto às igrejas em quase todos os países latino-americanos.

Outro elemento fundamental é o compromisso que o Clai assumiu em relação à paz com justiça. Em vários países e regiões da América Latina — e mais concretamente na América Central — desenvolvemos, nestes últimos anos, gestos de acompanhamento às igrejas, tentando promover o diálogo para encontrar soluções políticas para a crise.

Ainda outro elemento é que o Clai está procurando motivar os organismos ecumênicos, as igrejas e os setores populares para que encontrem uma proposta de trabalho ecumênico. A Igreja, o movimento ecumênico e o movimento popular, cada um tem o seu espaço. Mas nesse espaço, nesse trabalho, é preciso haver uma interrelação. E a interrelação se dá no serviço ao povo.

Por isso eu creio que nestes três passos fundamentais sobre os quais o Clai tem trabalhado, podemos estar satisfeitos. Embora não se tenha feito tudo, parece-me que por aí passa nosso caminho.

(Entrevista cedida pela Secretaria de Promoção e Comunicação do Clai)

Obstáculos ao movimento ecumênico

Apresentar os obstáculos ao desenvolvimento do movimento ecumênico no Brasil é uma tarefa difícil e algo polêmica. Às vezes, nem sequer é possível formalizá-los, por já terem sido superados em determinadas experiências ecumênicas



Douglas Mansur

A análise dos problemas que se colocam ao desenvolvimento do ecumenismo é uma tarefa que precisa ser realizada por quem está envolvido nessa prática. A problemática pode ser apresentada sob diversos ângulos, contudo apontaremos apenas alguns obstáculos enfrentados nas perspectivas da pastoral popular católica, do protestantismo de missão e do movimento popular.

Pastoral popular católica

Na perspectiva da pastoral popular católica dois enfoques parecem relevantes: o primeiro, interno, a partir do seu próprio modo de ser; o segundo, de caráter externo, na relação com outras expressões do cristianismo.

A partir do modo de ser da pastoral, o que parece ser um obstáculo ao posicionamento ecumênico dos católicos é uma

certa visão do mundo, assemelhada a uma nova cristandade. A co-extensividade da religião católica à cultura, com todos os seus conflitos, e a consciência (ainda que falsa) de maioria contribuíram para aquela visão de mundo.

Não raras vezes, comunidades eclesiais de base reúnem-se e discutem problemas da "comunidade" — bairro ou similar — como se estivesse em curso uma assembleia de moradores. Decorrendo encaminhamentos pastorais como se fossem estritamente civis. Sem considerações de mérito de tal prática, que tem seus resultados, é certo que corrobora e reifica a visão de neo-cristandade. É natural num modo de trabalho como esse, onde não raro se confunde (ainda que se tente o contrário) reunião de CEBs com "assembleia de moradores", que os católicos se portem como uma força do movimento social e não como apoio.

Consiste na superação desse obstáculo a percepção do papel de apoio que a pastoral deve assumir. Isto supõe situar-se num espaço além da pastoral, do qual partilham instituições da sociedade civil e outras igrejas.

Na relação com outras expressões cristãs, destacam-se, entre outros, os contatos estabelecidos pelos quadros dirigentes do trabalho pastoral. Notadamente com o pentecostalismo enfrenta-se o preconceito quanto ao comportamento, às expressões do catolicismo tradicional e até quanto ao uso da Bíblia. Relacionamento externo de difícil saída que gera em contrapartida o preconceito contra os evangélicos.

As poucas oportunidades de participação em celebrações ecumênicas têm ajudado a superar alguns desses impasses. O reconhecimento mútuo faz com que os católicos (lideranças pastorais) sintam-

se mais legitimados como cristãos que os evangélicos.

Protestantismo de missão

No protestantismo histórico ou de missão, não obstante o fato de que a maioria de suas denominações estejam filiadas aos grandes organismos ecumênicos, pode-se afirmar que em suas bases existe um forte sectarismo, um violento anticatolicismo e uma boa dose de denominacionalismo.

Durante quase um século o protestantismo de missão viveu sob a égide de uma "ideologia de minoria" com seus corolários, merecendo destaque a afirmação da identidade pela negação e a nostalgia pelas benesses do poder constituído às religiões majoritárias. Evidentemente, com seu ideário, os postulados do movimento ecumênico internacional encontram dificuldade para serem disseminados, e mais ainda, implantados.

Vale ressaltar que as primeiras iniciativas ecumênicas do Conselho Mundial de Igrejas, ainda nos anos 50, receberam acolhida por parte dessas famílias confessionais, então congregadas na Confederação Evangélica do Brasil. Assim sendo, nas últimas três décadas foram lideranças do protestantismo histórico as responsáveis por levar adiante as propostas ecumênicas tanto em nível das igrejas quanto das entidades ecumênicas de serviço. Com efeito, a diluição da antiga Confederação Evangélica, a crise de identidade que já se contornava e a implantação do regime autoritário que teve profundas reverberações junto às burocracias eclesiásticas dirigentes produziram, sobretudo nos anos 70, um caudal obscurantista que permitiu a infiltração de setores ultra-direitistas do protestantismo norte-americano.

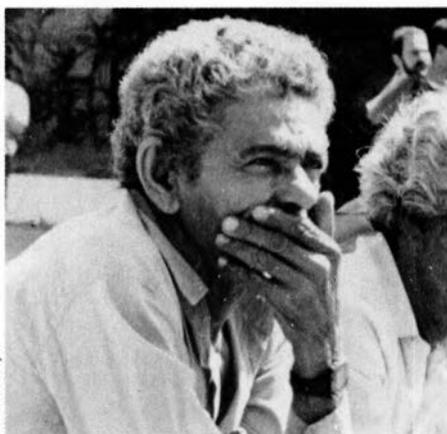
Esse clima produziu ainda outros fenômenos, entre os quais se destacam as crises da educação teológica e da educação cristã, devido não só ao expurgo dos intelectuais, como pela multiplicação de instituições espúrias de ensino teológico. Algumas gerações de pastores foram formadas nessa mentalidade e passaram a constituir o "filtro" ideológico que impede sistematicamente o avanço dos ideais ecumênicos junto às bases.

Contudo a semente lançada teve seus frutos. É justamente no âmbito das famílias eclesiásticas do protestantismo histórico onde se encontram grupos que sustentam uma prática ecumênica que cada vez mais se define numa linha que privilegia a pastoral popular. Também os organismos ecumênicos nacionais e continentais são integrados pela maioria delas. Em síntese, pode-se afirmar que, para o



Henrique Pereira Jr

Protestantismo histórico: prática ecumênica como princípio



Vera Jurysys

futuro do ecumenismo brasileiro — tanto no tocante ao aprofundamento das propostas da pastoral popular, quanto no que diz respeito aos bolsões de reação ao ecumenismo — será nas igrejas do protestantismo de missão que poderão ser encontrados os exemplos mais notórios.

Movimento popular

Tem-se percebido, em diferentes lugares, e nas diversas lutas encaminhadas por organizações populares, como associações de moradores, sindicatos, conselhos comunitários e outras, a participação de cristãos de diferentes confissões, que no movimento popular atuam unitariamente. Esse fato, no entanto, não significa necessariamente que exista ali uma relação ecumênica. Na maioria dos casos, especialmente no dos protestantes, estas pessoas não participam das lutas populares na condição de cristãos ou de representantes de suas igrejas, mas sim como cidadãos. Nem sempre relacionam seu engajamento político-comunitário como expressão de sua fé e/ou missão de sua igreja. Diferenciadamente dos militantes católicos, que no movimento popular atuam como "igreja", tendo como referência

as posições definidas nas discussões acontecidas nas CEBs, a questão ecumênica nem sempre está presente como uma perspectiva definida ou como um princípio de atuação concreta.

É certo que pode existir uma unidade de de/na ação, que supere diferenças de concepção religiosa e preconceitos, só possível em função da urgência da luta a ser travada. Mas será isto "ecumenismo de base"? O fato de haver diversas tendências e partidos políticos atuando, por vezes, unitariamente no mesmo movimento ou organização popular, significa que exista de fato um "ecumenismo" político? Nestes casos o que se tem assistido geralmente é que cada força política atua de acordo com suas próprias concepções, mesmo fazendo parte da unidade de ação. São alianças táticas que se desfazem a qualquer momento com muita facilidade, porque, na verdade, a unidade na ação não é um princípio para a maioria das forças políticas atuantes no movimento popular.

Da mesma forma, para que verdadeiramente exista um ecumenismo de base, que possa ser detectado no movimento popular, não seria preciso que aqueles militantes que tenham uma prática religiosa estejam imbuídos de uma intenção ecumênica? Parece necessário que esteja clara qual a especificidade de sua atuação como cristãos e como esta se relaciona com sua condição de cidadãos. E que, independentemente da concepção da importância da unidade de ação entre cristãos no movimento popular, exista também uma visão ecumênica como princípio de vida, referenciada na vivência comunitária da fé.

(Texto produzido pela equipe do Programa de Assessoria à Pastoral Protestante do CEDI e Carlos Eduardo Coelho, coordenador do Programa de Assessoria à Baixada Fluminense/PAS-Baixada.)

Flor bonita nascida em terra seca sem adubo

Carlos Mesters e Eliseu Lopes

Flor bonita fica mais bonita ainda depois que a gente sabe que ela floresceu em terreno seco, sem adubo e sem água. Assim é o ecumenismo que aparece na Igreja dos pobres. Falando da Igreja dos pobres, entendemos falar do povo das comunidades eclesiais de base.

O terreno onde cresce a flor

— Como vai o seu tio? Melhorou?

— Está melhor. Foi nos crentes. O pastor deu a bênção. Ficou bom! Curou mesmo!

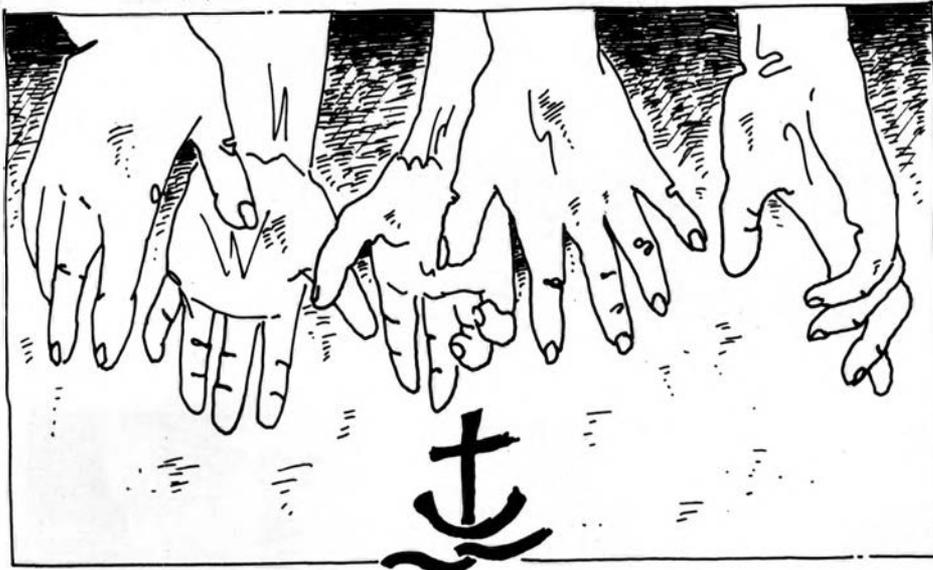
O tio estava com câncer avançado. A bênção e a cura causaram um impacto grande na família. Semanas depois, a rotina voltou, o fato foi esquecido e o tio acabou morrendo.

Fatos como este correm os bairros. Diariamente o povo é confrontado com eles. Todo mundo já recebeu visita de membros de outras igrejas. Nos hospitais, os crentes passam com suas bênçãos, oferecendo curas. Até nos ônibus dos bairros para o centro da cidade, tem vezes que todos se envolvem em discussões bíblicas, provocadas por algum "irmão". *Daquele córrego lá atrás até a avenida do lado de cá, só neste trecho de nem dois quilômetros, tem mais de doze templos evangélicos* (Curitiba). Em todo canto, surgem igrejas novas das mais variadas denominações. Quase todo mundo tem amigos, vizinhos, conhecidos, parentes, até irmãos, pais ou filhos que "se entregaram a Jesus", passaram para os crentes.

No seu dia-a-dia, o povo convive com espíritas, testemunhas de Jeová, adeptos de novas igrejas ou ramificações de outras ou importadas de outros países. A convivência nem sempre é fácil, por causa dos sectarismos. Aqui e acolá, torna-se, às vezes, bastante conflitiva. No entanto, o conflito não se transforma em guerra religiosa. Pelo contrário!

Apesar de se dizer que 90% dos brasileiros são católicos, o povo das perife-





rias das cidades está aprendendo a conviver com pessoas de outras religiões. As diferenças religiosas começam a ser aceitas com certa naturalidade. Sobretudo nas lutas comuns, nas associações e outras organizações populares. Antigamente, quando se dizia: *Fulano passou para os crentes*, esta frase soava como apostasia. Hoje, a mesma frase soa como uma simples constatação.

Eis aí o terreno. De vez em quando, brota uma raiz de moralismo, de exclusivismo e de intolerância, levando este ou aquele grupo a se refugiar numa atitude de auto-defesa e de agressão aos outros. Mas esta raiz não parece ser a mais profunda. Mais profunda é outra raiz que aparece nas comunidades e faz com que, neste terreno difícil e conflitivo, cresça a flor do ecumenismo.

Traços do ecumenismo popular

A raiz mestra é profundamente ecumênica. Sorve a seiva do que é humano e

tem a amplidão do próprio Evangelho. Difícil de dizer se é o uso da Bíblia que humaniza e universaliza a caminhada do Povo ou se é a caminhada que humaniza e universaliza o uso da Bíblia. Pois a Bíblia começa a ocupar o lugar central como o eixo da roda. Aqueles cujas mãos se unem para gestos de libertação lêem a Bíblia com olhos libertos e dão uma dimensão ecumênica a textos separatistas e racistas da própria Bíblia.

O ecumenismo popular tem traços bíblicos:

1. É como a própria Bíblia que acolhe a lição de Jó, que nem sequer era do povo eleito mas da longínqua Arábia, e dá lição de vida e de fé aos três doutores que representam a tradição da comunidade e do povo;

2. É como Noemi, do livro de Rute, que não se considera proprietária de Deus nem da eleição, mas ora ao Deus do seu Povo pelas noras que são de outro povo;

3. É como os Salmos que louvam o

Senhor e lhe agradecem as lutas e os triunfos do Povo que são o fruto do esforço de todos e trazem o sentido da gratuidade: ninguém pode considerar-se dono da vitória;

4. É como os pobres do tempo de Jesus: gente que não conhecia a Lei, desprezados pelos fariseus e doutores mas que souberam perceber a presença do Reino em Jesus, souberam distinguir a verdadeira autoridade, apesar de Jesus fazer coisas contrárias à tradição estabelecida. São elogiados por Jesus: "Pai, eu te agradeço!";

5. É como Jesus que considera e resume a sua missão em: *Vim para que todos tenham vida e vida em abundância*. A sua luta não é, em primeiro lugar, religiosa nem doutrinária, mas é em defesa da vida, dos direitos de cada um e, por isso, é mais política e social;

6. É como o bom Samaritano da parábola, que se faz próximo e solidário do necessitado, sem preconceitos religiosos nem discriminação de qualquer ordem;

7. É como Maria, que lê nos fatos a vontade de Deus e a aceita, que guarda tudo no seu coração, que celebra a esperança de um mundo novo de igualdade e justiça, que assume como seu o problema dos noivos de Caná, que resiste de pé e não se verga ao sofrimento da cruz.

No acolhimento, na amizade, na gratuidade, no discernimento, na defesa da vida, na solidariedade, na esperança de dias melhores, na coragem de enfrentar os sofrimentos, germina e cresce e desabrocha a flor do ecumenismo popular com raízes fincadas no chão da vida.

Carlos Mesters e Eliseu Lopes integram o Centro de Estudos Bíblicos (Cebi).

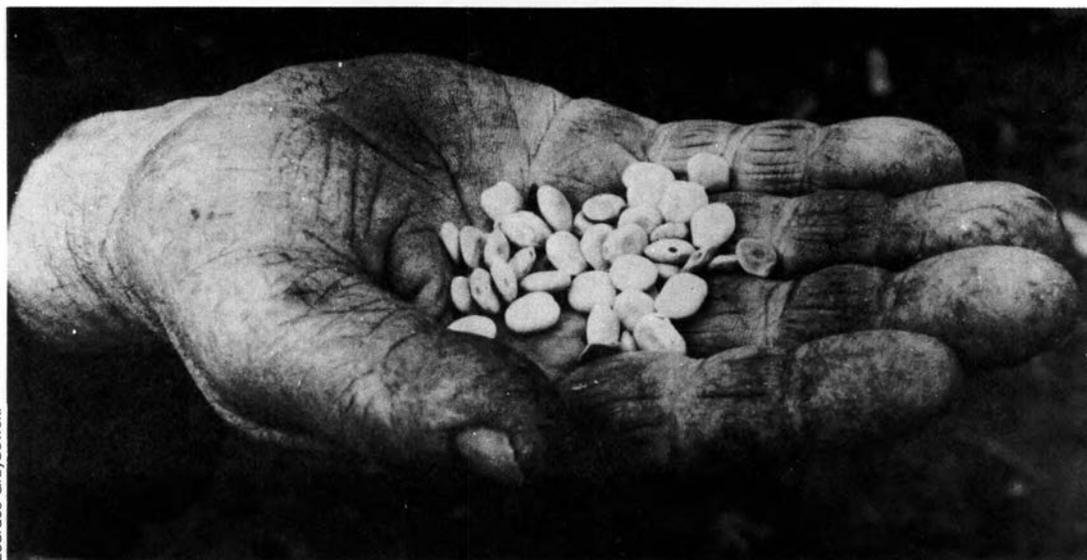


Leia e assine a revista Tempo e Presença

Assinatura anual Cz\$ 2.000,00 Assinatura de apoio Cz\$ 3.000,00
América Latina: US\$ 60 América do Norte: US\$ 80 Europa, África e Ásia: US\$ 90

Tempo e Presença é uma publicação mensal que acompanha a realidade brasileira e latino-americana na perspectiva da pastoral popular e dos movimentos populares. Publicada pelo Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), a revista tem sido um instrumento de reflexão para o ecumenismo comprometido com a construção de uma nova sociedade.

Faça sua assinatura através de *cheque nominal* para o CEDI,
Av. Higienópolis, 983 — 01238 — São Paulo — SP



Lourdes Grzybowski

Raízes que renovam os frutos

**Anivaldo Padilha e
Paulo Roberto Garcia**

Ecumenismo, esforço de atualização da Igreja e ação do Espírito Santo. Um movimento, portanto, bíblico-teológico. É nesse espírito que devemos abordar esta nova forma de ser Igreja e povo comprometido com os valores do Reino hoje. Uma nova forma que na verdade não é nova, está mesmo nas raízes do movimento cristão. Ao contemplarmos as raízes, enxergamos a força dos frutos que serão produzidos.

Na Bíblia, encontramos inúmeros momentos e mesmo o projeto de Deus para o povo — o Reino de Deus — como um desafio ao ecumenismo. Diante de uma riqueza tão grande, vamos nos ater apenas ao que mostra o movimento de Jesus. O movimento que se inicia na Galiléia e culmina com o evento da paixão, morte e ressurreição em Jerusalém, é sinal e desafio à prática ecumênica.

Este movimento de Jesus tem como uma de suas características o de ser um movimento não oficial (por isso movimento), que durante o ministério de Jesus será apresentado na maior parte do tempo em confronto com a religião oficial dos sacerdotes, fariseus, saduceus e herodianos. Este confronto acaba por provocar o assassinato de Jesus na cruz,

“O ecumenismo, portanto, é o esforço de atualização da Igreja. Mas não deve ser visto como um esforço particular de alguns homens, mas sim resultado da ação do Espírito Santo agindo sobre aqueles que compreenderam o significado da liberdade com que Cristo atua na história. É a busca de sintonia com a ação de Deus no mundo. É disponibilidade total para Deus, para que Ele mesmo dê forma à sua comunidade aqui e agora. Ao considerarmos as fronteiras denominacionais não como barreiras mas como pontes para o encontro e o diálogo, para troca de experiências e heranças espirituais, estaremos vivendo nessa nova dimensão da Igreja que permite a expressão da vida verdadeiramente evangélica e oferece ao mundo um novo rosto cristão.”

(Zwinglio M. Dias, *Discussão sobre a Igreja*, Ed. Vozes, RJ, 1975, p. 95)



Douglas Mansur



Movimento de Jesus: orienta e fortalece as comunidades cristãs

via um julgamento simulado com um veredito pré-estabelecido. Diga-se de passagem são dois julgamentos, com dois vereditos, ambos de culpado. À noite, culpado de heresia perante o sínédrio. No dia seguinte, culpado de promover o não pagamento do tributo a Cesar, perante Pilatos.

Deste modo, o movimento de Jesus vai se instalar nas classes marginalizadas por esse grupo de liderança da vida política/social/religiosa do povo judeu.

Quem compõe o movimento de Jesus?

O movimento se inicia na Galiléia com pescadores, mulheres e até crianças (o que para a época era algo inédito). A Lei básica que servia como julgamento e discriminação era a *Lei do Puro e do Impuro*. Logicamente, as elites da Judéia eram os "puros" e, portanto, merecedores de todas as benesses de Deus e da estrutura religiosa/política. Por outro lado, os pobres, os incultos, os doentes, as mulheres e as crianças se constituíram nos "impuros". Por isso, não mereciam consideração nem de Deus e muito menos dos guardadores da "pureza da religião judaica".

Grande parte dos pertencentes ao movimento de Jesus serão esses discriminados, que viviam à margem da vida religiosa e societária.

Outra parte dos componentes do movimento de Jesus, que será uma surpresa para os próprios participantes do movimento, será constituída de setores e pessoas segregadas pelas próprias cama-

das populares. Serão aceitos no movimento publicanos (judeus que cobravam impostos para Roma e, por causa disso, eram odiados pelo povo); militares romanos e, inclusive, os inimigos mortais dos judeus: os samaritanos.

O movimento de Jesus, sendo um movimento abrangente, que reúne as classes populares marginalizadas pela religião oficial, os setores segregados pelas próprias camadas populares em torno da proclamação da vida, "vida em abundância", constitui-se em raiz que alimenta com sua seiva o movimento ecumênico anunciando a força dos frutos que virão.

Por isso esse movimento vai entrar em confronto com a religião oficial e as autoridades romanas. Em torno da esperança da vida, se reunirá uma multidão de marginalizados vivendo uma situação de anti-vida, caracterizada pela fome, miséria, doença, falta de direitos etc.

Movimento e memória

Dentro do estudo da Bíblia, devemos olhar dois níveis contidos no texto: o primeiro, do evento histórico que deu origem à tradição, que foi o que vimos acima, ou seja, o caráter histórico do movimento de Jesus. O segundo é o significado que esse evento teve para as comunidades que registraram e repartiram a tradição recebida.

Quando lemos os evangelhos, registro de como as comunidades receberam e

compreenderam o evento histórico do movimento de Jesus, percebemos que esse caráter abrangente do movimento de Jesus foi recebido e valorizado pelas comunidades que registram a tradição.

Essa compreensão do movimento de Jesus vai orientar e fortalecer o surgimento das novas comunidades cristãs que serão caracterizadas pelo rompimento das barreiras nacionais e étnicas, ultrapassando os limites judaicos, atingindo os mais diversos povos e setores e exigindo de cada um deles uma resposta diferente frente ao compromisso com os valores do Reino.

Movimento e desafio

Para nós hoje, o desafio ecumênico é um compromisso de construir e reconstruir permanentemente a busca pela unidade na promoção da Vida. À luz da situação de nosso continente em particular e de todos os povos que vivem a marginalização e a segregação nos mais diversos níveis, a violência nas mais variadas formas de estruturação, a anti-vida, enfim, em suas múltiplas facetas, cabe a todo ser humano, comprometido com os valores do Reino de Deus — a Vida — construírem a unidade em favor da vida.

Anivaldo Padilha é assessor da secretaria geral do CEDI. **Paulo Roberto Garcia**, pastor metodista, integra a equipe do Programa de Assessoria à Pastoral Protestante do CEDI.

Há uma consciência cada vez mais clara na América Latina de que o ecumenismo corre o risco de estancar-se se não for capaz de enfrentar duas ordens de desafios.

O primeiro, no campo sócio-econômico e político, no sentido de juntar forças para superar o empobrecimento, a miséria e o desespero que vêm tomando conta das maiorias, devido ao agravamento da crise econômica, onde se conjugam recessão interna e peso imobilizador da dívida externa. As igrejas cristãs podem perder sua credibilidade se não forem capazes de se aliar, eficazmente, com todos os que estão empenhados nesta batalha pela vida ameaçada dos pobres.

O segundo, no campo propriamente religioso, colocando em questão as partes até agora envolvidas no diálogo ecumênico. Este prosperou, criando iniciativas entre as igrejas evangélicas entre si e, posteriormente, entre estas e a Igreja Católica. O diálogo da Igreja Católica dá-se com um número restrito de igrejas evangélicas de procedência européia, via imigração, ou de procedência norte-americana, através de missões iniciadas na segunda metade do século 19. No caso brasileiro, chegou-se, em 1982, a um Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic), conformado pela Igreja Cristã Reformada, Igreja Metodista, Igreja Episcopal do Brasil, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e Igreja Católica Apostólica Romana.

Estas igrejas, em conjunto, estão diante, sem saber muito bem como proceder, da verdadeira explosão do pentecostalismo, que sozinho já responde por uns 60% dos evangélicos do país. No quadro das relações ecumênicas, que caminhos tomar diante desta irrupção religiosa ao mesmo tempo massiva e popular?

Feições de Cristo

Desafio mais antigo e talvez mais complexo ainda é o que enfrenta, sobretudo, a Igreja Católica no continente, em relação às religiões ameríndias, em algumas áreas, em relação aos cultos afro-americanos, em outras. Puebla exprime muito bem a perplexidade que perdura neste campo. Ao designar as situações que mais necessitam de evangelização coloca, em primeiro lugar, o que chama de situações permanentes: "...nossos indígenas, habitualmente marginalizados quanto aos bens da sociedade e, em alguns casos, ou não evangelizados ou evangelizados

Ecumenismo e mundo afro-brasileiro

José Oscar Beozzo

A busca do diálogo, ecumênico ou inter-religioso, deve partir da experiência religiosa histórica e contemporânea. Humildade para ouvir e aprender e o respeito aos ritmos e às diferenças de expressão são critérios fundamentais para superar um passado onde uns foram dominantes e outros dominados



Debret



de forma insuficiente; os afro-americanos, tantas vezes esquecidos" (Puebla, 365).

Os povos indígenas são apresentados como marginalizados economicamente e, do ponto de vista religioso, ou não evangelizados ou evangelizados de forma insuficiente; os afro-americanos, como esquecidos na tarefa evangelizadora da Igreja. A mesma idéia é repetida na introdução histórica: "O problema dos escravos africanos não mereceu, infelizmente, a devida atenção evangelizadora e libertadora da Igreja" (Puebla, 40).

De maneira mais positiva, Puebla reconhece que é justamente na face destes povos que devemos reconhecer as feições sofredoras de Cristo que nos questiona e interpela: "Feições de indígenas e, com frequência, também de afro-americanos, que, vivendo segregados e em situações desumanas, podem ser considerados os mais pobres entre os pobres" (Puebla, 34).

Guaman Poma de Ayala, o índio cronista do Peru colonial, já exprimia a mesma idéia ao iniciar sua peregrinação de quase trinta anos pelos caminhos e aldeias do altiplano andino. Saía "em busca dos pobres de Jesus Cristo". Hoje, os mais pobres dentre os pobres do Brasil são os afro-brasileiros, os verdadeiros pobres de Jesus Cristo. Por causa desta situação objetiva são os privilegiados e os preferidos de Jesus Cristo e esta condição de cidadãos do Reino, por antecipação (Mt 5,3), deve pervagar qualquer consideração que se faça sobre o ecumenismo.

A primeira tarefa ecumênica é a luta contra todas as formas de discriminação e racismo na sociedade e no interior das igrejas. A isto soma-se a aliança sincera com todas as lutas dos afro-brasileiros por terra, emprego, moradia, saúde, educação, mas também por dignidade, pelos direitos de cidadania no campo político, social, cultural e, principalmente, religioso.

Ecumenismo ou diálogo inter-religioso?

Há uma resposta aparentemente simples para esta questão e que consiste em retomar as definições sobre o tema e aplicá-las à realidade brasileira. Ecumenismo, num sentido estrito, refere-se ao diálogo entre diferentes confissões cristãs. Diálogo inter-religioso aplica-se ao encontro entre religiões cristãs e não-cristãs. Nesta acepção dos termos, os encontros entre igrejas cristãs e os cultos afros deviam entrar, necessariamente, no âmbito do diálogo inter-religioso. Esta é a posição expressa recentemente num artigo ao *Jornal do Brasil*, pelo cardeal-arcebispo de Salvador, d. Lucas Moreira Neves. Ela tem o mérito da clareza dogmática e exige como contra-partida o combate a qualquer traço de sincretismo ou possível confusão de planos, crenças ou devoções.

A orientação ecumênica pede o horizonte amplo de uma mensagem que deve chegar até os confins da terra. O princípio da encarnação pede uma inculturação amorosa em todas as culturas, segundo o princípio de que em todas "só é salvo o que é assumido".

Da mesma maneira que hoje se entende que a missão implica num processo de encarnação em cada lugar e, principalmente, de diálogo, coração do movimento ecumênico, assim também o diálogo inter-religioso têm claras implicações ecumênicas.

Daqui em diante, analisaremos apenas a relação entre a Igreja Católica no Brasil e os assim chamados cultos afro-brasileiros. O menos que podemos dizer é que ela é complexa e historicamente cambiante. A Igreja Católica alternou períodos de extrema rigidez com outros de flexibilidade e tolerância em relação às crenças religiosas dos escravos africanos

que chegaram, ininterruptamente, por quase três séculos e meio às terras do Brasil. Independente dos ventos de tolerância ou de intolerância, batizou-os praticamente a todos, incorporando-os à Igreja Católica. Por muito tempo, formaram a grande maioria da Igreja na paradoxal situação de serem, ao mesmo tempo, escravos e cristãos, explorados e maltratados por senhores que se diziam igualmente cristãos.

Dupla fidelidade

A situação de batizados e incorporados à Igreja Católica perdura, até hoje, para a quase totalidade dos descendentes dos antigos escravos. A situação histórica e real, tanto objetiva como subjetivamente, não permite traçar fronteiras rígidas. Há os que estão nitidamente ancorados no interior da vida da Igreja Católica e não obstante frequentam esporadicamente uma casa de culto afro. Há os que, inversamente, estão, inclusive, iniciados como pais e mães, filhas e filhos-de-santo e continuam devotamente batizando os filhos, participando da missa e da eucaristia em determinadas ocasiões e fazendo parte das tradicionais irmandades de São Benedito ou de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Não vivem como contraditória esta dupla fidelidade à terra que os recebeu e à religião a que foram obrigados a praticar e a fidelidade à religião de sua terra, de seus pais e antepassados.

Neste sentido podemos distinguir várias questões que permeiam umas às outras:

1. Uma primeira interna à Igreja Católica. A maciça presença de negros e mulatos na base da Igreja, sobretudo em suas comunidades de base e pastorais populares, torna-se rarefeita à medida que se passa para o nível dos quadros intermediários e superiores, religiosos, religiosas, padres e bispos. Esta situação é herança de um agressivo projeto de europeização da Igreja, durante o período de romanização, e que se traduziu num racismo explícito nos seminários e congregações religiosas que recusavam candidatos ou candidatas "de cor". Esta situação está mudando com bastante rapidez, na medida em que as vocações, tanto para a vida sacerdotal como religiosa, começam a vir das comunidades de base e das pastorais populares. Nos seminários e noviciados rostos e corações são cada vez mais negros.

Do ponto de vista cultural, a expressão da fé católica, numa roupagem europeia, inclusive com matizes próprios às colônias italianas, polonesas, alemãs, ucranianas, gregas, suíças, encontrou espaço e guarida. A mesma expressão numa roupagem africana sofreu severa repressão,

mesmo em suas formas anteriormente admitidas, como as congadas em honra de São Benedito que passaram a ser tratadas como simples folclore e não como expressão religiosa legítima nos quadros de determinada cultura. Há um avanço neste campo, pelo esforço dos grupos de União e Consciência Negra, dos agentes de pastoral negros, que tentam passar para a liturgia, para o canto, para a música a riqueza da herança cultural africana no Brasil. A fé católica, no âmbito popular, está irremediavelmente ancorada numa cultura que tem tanto de luso como de africano e, em determinadas áreas, de indígena. O problema reside na impermeabilidade das expressões mais oficiais que permanecem rigidamente européias. Coloca-se aqui a questão da *inculturação* das expressões religiosas oficiais, no campo litúrgico, mas também no pastoral e no teológico.

2. Uma segunda questão é de cunho mais *pastoral*. Como lidar com a realidade bastante difundida das pessoas que de maneira habitual participam da Igreja Católica e, de maneira eventual ou igualmente habitual, freqüentam algum tipo de culto afro-brasileiro?

3. Uma terceira é como trabalhar a noção e a realidade do *sincretismo*. Há uma espécie de pressuposto latente que antecede a discussão: o de que o catolicismo deve guardar sua pureza. Esquece-se depressa demais que o cristianismo é fruto de um amplo e profundo sincretismo, com a filosofia grega, com o direito romano e, sobretudo, com a vasta herança cultural popular da bacia do Mediterrâneo e que festas como Natal ou temporadas floresceram sobre antigas festas pagãs de cunho cósmico e telúrico. Os primeiros missionários deram-se imediatamente conta de que aqui viviam, do ponto de vista do calendário religioso, um mundo às avessas, rezando pelas colheitas no tempo das sementeiras, pelas chuvas e fecundidade no tempo da colheita; louvando ao Senhor pelo frio e pela neve, no mais tórrido calor; celebrando o renascimento pascal da vida na primavera quando as folhas do outono começavam a amarelar nas árvores. Os cultos afros guardavam esta adesão ao calendário e à natureza do hemisfério sul e assumiram o horizonte desta sua terra de exílio, tanto no tempo cósmico, como na dimensão cultural, acatando os heróis e mitos da terra: caboclos e Jurema, que convivem com os orixás da África e os santos católicos.

4. Outra questão é que os cultos afros se tornaram expressão religiosa dos oprimidos contra a cultura e a religião dominantes, trincheira última para o resgate de uma *identidade negra*, negada, asse-

diada e perseguida. Houve, ao mesmo tempo, acolhida de determinadas dimensões do evangelho e de elementos de identidade católica que não se resumem apenas no batismo. Não há como fazer economia de realidades dolorosas e contraditórias. É no interior das pessoas e das comunidades, e não apenas das instituições religiosas e dos seus responsáveis, que se processa há gerações um diálogo ecumênico e inter-religioso ao mesmo tempo, com sínteses provisórias, com elementos visíveis e outros reprimidos, com alegrias, lágrimas, interrogações não respondidas.

5. Há, de outro lado, a questão da extrema *diversidade dos cultos afro-brasileiros*. Áreas de forte influência iorubá, como Salvador, não são idênticas às áreas onde predominou a vinda de escravos da Angola e de outras regiões de cultura banto. Não é a mesma coisa o Can-

domblé da Bahia e uma nova religião como a Umbanda. Cada um destes cultos pede um diálogo diferente. Uma corrente dentro do Candomblé, numa afirmação crescente da própria identidade e de suas raízes africanas, marca sua distância em relação ao cristianismo e se afirma como religião não-cristã. É preciso respeitar essa reivindicação e estabelecer o diálogo no âmbito de um verdadeiro diálogo inter-religioso. Esta atitude deve, porém, tomar em conta as realidades: a definição dada pelas autoridades religiosas, tanto da Igreja Católica como do Candomblé, não é assumida pelos fiéis de ambas as instituições e mesmo filhas-de-santo dos candomblés mais tradicionais continuarão freqüentando a Igreja Católica e catequistas e militantes da Igreja Católica continuarão participando das celebrações do Candomblé.

Negar essas realidades não ajuda ao diálogo, seja ele ecumênico, seja ele inter-religioso, que queira partir do povo e de sua experiência religiosa histórica e de hoje. É só aproximando-nos uns dos outros, com humildade e dispostos a ouvir e aprender, a respeitar os ritmos e a diferença de expressões, de modos de pensar e de sentir é que se poderá avançar na superação de um passado onde uns foram dominantes e outros dominados, e onde os dominados lutaram desesperadamente para sobreviver tanto física, como cultural e espiritualmente, dentro e fora da Igreja Católica e, quase sempre, dentro e fora, ao mesmo tempo.

José Oscar Beozzo é sacerdote, coordenador da Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina (Cehila-Brasil) e secretário-executivo do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (Cesep).



Agência Folhas

Cultos afros: religião dos oprimidos...



Douglas Mansur

... que acolhe elementos de identidade católica

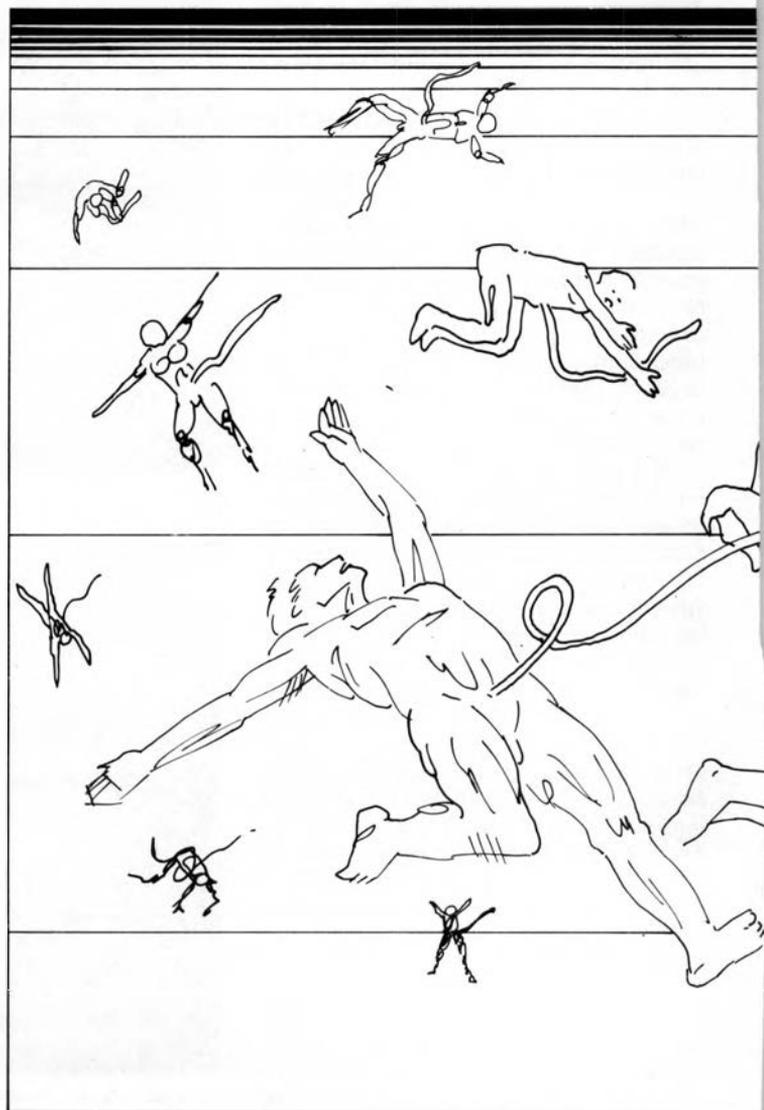
Este imenso maternal vazio

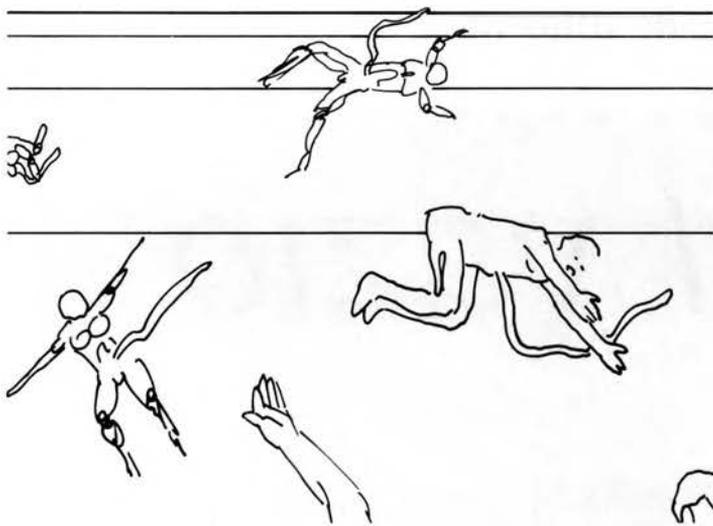
Rubem Alves

Para que as crianças durmam no escuro e sem medo não existe nada melhor que um colo de mãe. O que torna estranho que justo as estórias que se contavam para que o sono viesse mais depressa colocassem as mães longe, muito longe. Na "Branca de Neve" ela aparece por um instante apenas, quando o sangue pinga e avermelha a neve acumulada sobre o parapeito negro de ébano da janela; e ela deseja então ter uma filha com a pele branca como a neve, faces vermelhas como o sangue e cabelos pretos como o ébano. Mas ela existe apenas neste momento efêmero de desejo, pois morre logo que a menina nasce. O pai — dele não se tem notícia. Na "Cinderela" acontece algo semelhante. A estória se inicia com a morte da mãe, o casamento do pai com a madrasta e a distância sem remédio do pai, que partiu em viagem sem retorno. Há também uma outra, o pai viúvo se casando com a vizinha, partindo para uma longa viagem, a filha à mercê da madrasta que acaba por enterrá-la viva pelo figo da figueira que o passarinho bicou. Há outras estórias em que a mãe aparece. Mas ela se parece com a madrasta. Como é o caso de "Chapeuzinho Vermelho", menina bobinha que a mãe envia sozinha à floresta, mesmo sabendo que um lobo andava por lá. Ou "João e Maria" que, durante a noite, ouvem horrorizados os planos que seu pai e sua mãe faziam de matá-los, abandonando-os às feras da floresta.

Repete-se um mesmo "script", como se as estórias, diferentes, fossem apenas variações de um único tema: o abandono da criança, entregue à maldade da madrasta, sem ter quem a acuda, infinitamente longe de um pai distante, infinitamente longe da mãe que nada é mais que memória, ausência, um grande vazio no meio da noite... Somos órfãos.

E, no entanto, foram estas tristes estórias que nos fizeram dormir. Não é estranho isto? Que tenham sido repetidas por gerações — que tenham sobrevivido? O segredo, talvez, esteja no fato de que elas contam, no fundo, nossa própria estória: somos crianças perdidas na floresta, aterrorizadas





pela noite que se aproxima, por fora e por dentro, sendo inúteis todos os gritos. E não há mãe cujo colo seja grande bastante para fazer adormecer o nosso medo.

Na língua Zulu, quando alguém deseja dizer “muito longe”, o que se diz é uma palavra que, se traduzida literalmente, significaria: “Lá, onde alguém grita: Ó mãe, estou perdido...” Bonito isto, pois sugere a dor deste nome: objeto supremo do desejo — é esta a face que se invoca na solidão — mas se sabe que ninguém responderá — estou perdido.

Compreendo o que fizeram os contadores de estórias, ao enviar as mães para muito longe: é que não há remédio para a nossa orfandade. Não é por acaso que este nome tenha sido transformado em símbolo sagrado, mãe de um Deus agonizante, Pietá: para dizer que mãe alguma é esta Mãe desejada, em todas elas há um pouco de madrasta. E um pouco de orfandade também: também elas estão perdidas e dizem a palavra Zulu...

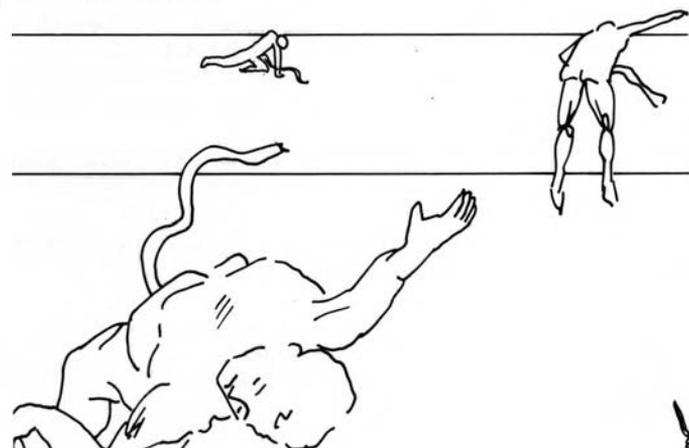
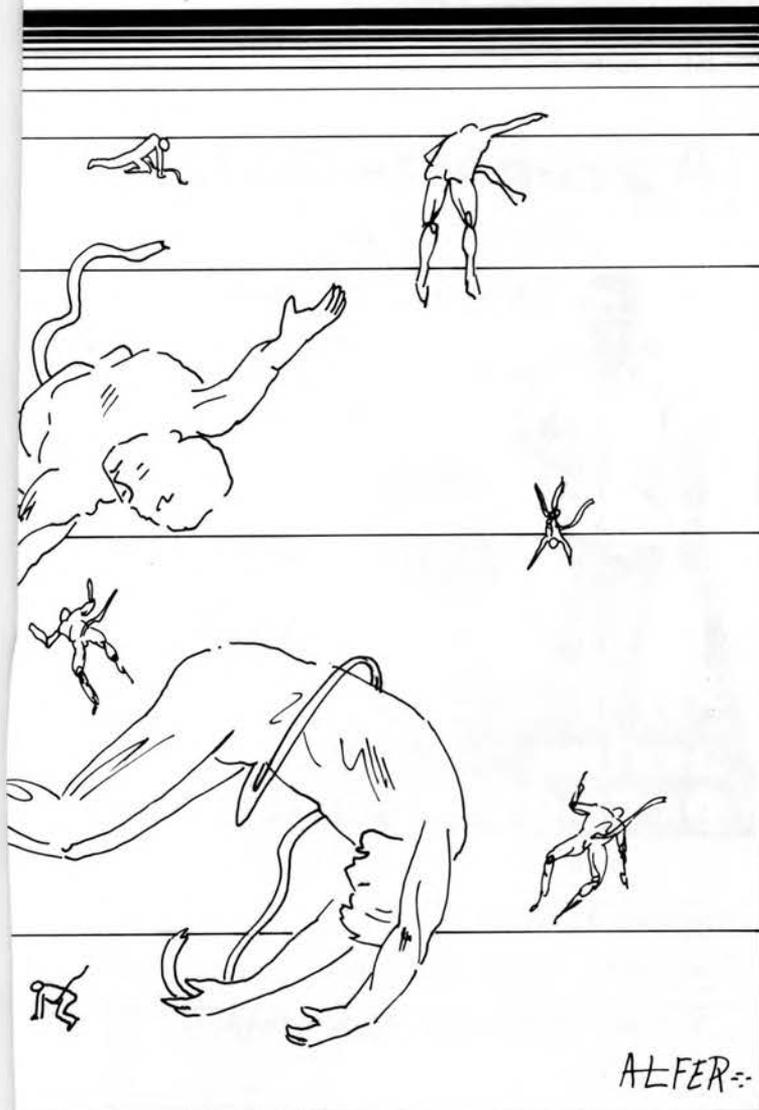
As estórias falam do nosso mundo interior e dizem que os universos que moram dentro do nosso corpo giram todos em torno de um Grande Vazio que tem o perfil de uma mulher. Já observaram a escultura de Michelângelo? Não se trata de uma mãe real. Ela é jovem demais, rosto quase juvenil, e as dobras do vestido sugerem a beleza de um corpo de mulher. Seus olhos estão no ventre do filho perdido, morto. Seus braços o acolhem. Até a orfandade suprema, da própria morte, ficaria bela se houvesse a Grande Mãe Pietá para nos contar estórias.

Mora em nós a madrasta (a ser perdoada).

Mora em nós a criança perdida (cujo choro se ouve noite a dentro).

Mora em nós este imenso maternal vazio, que acalenta os nossos sonhos (em cujo colo adormecemos).

“Quando eu morrer, seja eu a criança, o mais pequeno. Pega-me tu ao colo e leva-me para dentro da tua casa. Despe o meu ser cansado e humano e deita-me na tua cama. E conta-me histórias, caso eu acorde, para eu tornar a adormecer. E dá-me sonhos teus para eu brincar até que nasça qualquer dia que tu sabes qual é” (Fernando Pessoa).



Trabalhadores rurais: de olho na UDR

Um trabalho sério e oportuno. Esta é a definição sobre o dossiê "UDR — a campanha eleitoral do latifúndio", publicado pela Comissão Pastoral da Terra e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, após uma paciente pesquisa junto aos principais jornais brasileiros. Com dados concretos, o documento revela quem são os dirigentes da UDR por estado, região e município, as vinculações da entidade com os políticos que votaram contra a reforma agrária (há uma lista completa) e a estratégia que será adotada nas próximas eleições municipais. As finanças da UDR merecem um destaque especial: somente no ano passado foram realizados em torno de quarenta leilões de gado que resultaram numa arrecadação de 6 milhões de dólares.

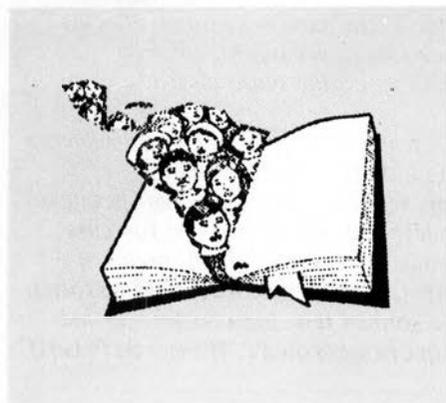
Ao enveredar pelo caminho fácil das acusações de discurso, a CPT e o MTRST mostram a importância de levantamentos sérios e competentes que, completados por dados e informações das bases, tornam-se instrumentos fundamentais na elaboração do trabalho de conscientização, formação e ação dos trabalhadores do campo.



Sérgio Tomisaki/Ag. Folhas

Ronaldo Caiado: leilões para financiar a violência no campo

Bibliografia bíblica: tarefa de muitos



A Bibliografia Bíblica Latino-Americana lançou recentemente o seu primeiro boletim com dicas e informações sobre as principais publicações no campo bíblico. Livros, teses, cartilhas e ensaios compõem um acervo muito rico para as comunidades que estudam e atuam à luz da Palavra de Deus. Mas

o desafio é grande. Segundo Milton Schwantes, a Bibliografia necessita de muitos colaboradores. "Estamos tratando de reunir, na medida do possível, todo o material bíblico produzido e publicado no continente e esta não é uma tarefa de um pequeno grupo", diz ele.

O material coletado estará à disposição para consulta, na sede da Bibliografia Bíblica Latino-Americana e, até março, deverá sair a primeira edição bibliográfica que trará ao conhecimento público as diferentes publicações bíblicas nos diversos países da América Latina e Caribe.

Os interessados podem escrever para:

Bibliografia Bíblica Latino-Americana
(Pós-graduação em Ciências da Religião)
Caixa Postal 5002
09735 — São Bernardo do Campo — SP

A proposta da FASE

Vinte equipes no Brasil a serviço

da Educação Popular na formação

e organização dos trabalhadores

no campo e na cidade



assine proposta

Relato e debate de experiências

educativas dos Movimentos Sociais.

Instrumento, subsídio e contribuição

a pessoas voltadas para a Educação Popular

Assinatura (4 números) - Cz\$ 2.000,00
Assinatura p/externo - US\$ 30,00

Rua Bento Lisboa, 58 - Catete
22221 - Rio de Janeiro - RJ
Cheque nominal à FASE ou Vale Postal. Ag. Central Rio.

FASE

CHILE

E depois do não?

Após o plebiscito que derrotou a ditadura, o país de Salvador Allende nunca mais será o mesmo. A oposição, que marchou unida para enfrentar Pinochet, deve lançar dois candidatos nas eleições presidenciais de 1989. Enquanto isso, as forças de direita se recompõem. O próximo ano será um laboratório de experiências políticas onde tudo pode acontecer



Gian Butturini



Salomon Cyrinowicz

Emir Sader

Pinochet, nas suas "Memórias", diz que utilizou o plano elaborado com Allende, de quem era ministro, para combater o golpe, virou-o de cabeça para baixo e deu o golpe com ele, contra o próprio Allende. Desde então muita água passou sob as pontes do rio Mapocho, levando muitos cadáveres. Quinze anos depois, a história se vinga de Pinochet. O plebiscito, concebido na Constituição que ele fez aprovar em 1980, para legitimar e consolidar o regime militar, foi virado de cabeça para baixo e serviu para ferir de morte a ditadura chilena.

Há um ano Pinochet chamou o "duro" Sérgio Fernandes para ministro do Interior com vistas a programar sua vitória no plebiscito. Contava com o "sucesso" do modelo de economia social de mercado, com a divisão da oposição, que participaria somente em parte de um processo institucional e com os efeitos da campanha de terror de quinze anos de regime militar. Naquele momento, o comitê da oposição que promovia

a inscrição de eleitores havia conseguido magros resultados, prevendo que chegariam a obter pouco mais de 4 milhões de inscritos.

O que mudou, desde então, que possibilitou que o povo chileno, navegando contra ventos e marés da fraude, o terror e a monopolização dos meios de informação, ganhasse o plebiscito, tomasse de novo a alameda Bernardo O'Higgins — avenida central de Santiago, que corre de leste a oeste da cidade, onde nunca mais o regime havia permitido manifestações — e quebrasse a espinha dorsal da ditadura?

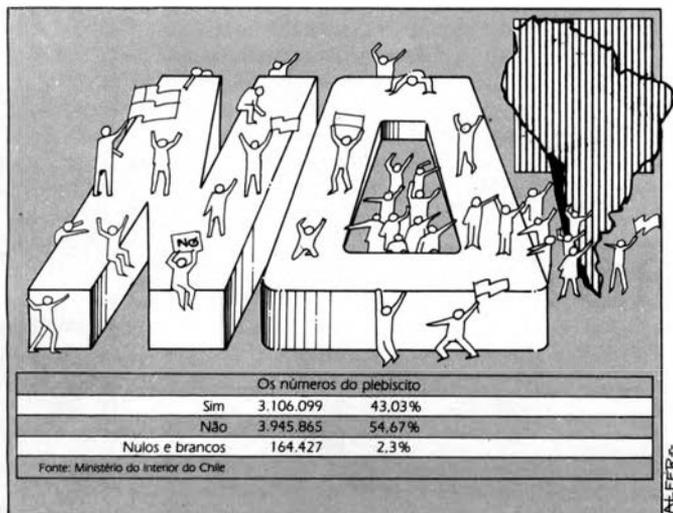
A elite política chilena despertou para as brechas legais que se apresentavam com o plebiscito. Depois que as jornadas de protesto, desenvolvidas de 1982 a 1984, se esgotaram sem conseguir desestabilizar Pinochet, ao mesmo tempo que a descoberta de enormes arsenais da Frente Patriótica Manuel Rodríguez e o fracasso do atentado ao ditador, em setembro de 1986, deixavam a guerrilha em si-

tuação difícil, produziu-se uma virada em direção à luta institucional. 1986 havia sido definido pela oposição como o "ano decisivo": se a desestabilização não se produzisse, a proximidade da data do plebiscito acabaria levando a que ele catalizasse as energias opositoras. Não deu outra.

Santiago dividida

O povo chileno foi se entusiasmando com a idéia de dar uma sova em Pinochet ainda que fosse com a caneta, depois que ele sobreviveu às balas do atentado. A inscrição, de qualquer maneira, apresentou dados inflacionados pelo regime: 7,4 milhões para uma população de 12 milhões de habitantes, uma das fontes da fraude programada por Pinochet.

O resultado final não espelha o que foi a votação. Contento pelo reconhecimento feito pelo governo da vitória opositora e temendo também que um triunfo por margem muito grande desatasse



uma euforia popular incontrolável, a direção da frente opositora deixou passar todas as fraudes, possibilitando um resultado que não espelha a margem real da vitória do não.

Conhecido o resultado final, produziu-se uma catarsis coletiva, com a reapropriação popular das ruas, a tentativa — frustrada — de confraternização com os “carabineiros” e a saída, por outro lado, dos bandos paramilitares do regime. No Chile, pobre vota na esquerda, rico vota na direita, o que fez com que Santiago ficasse dividida em dois, entre o bairro alto e o resto da cidade.

Ao mesmo tempo das comemorações, a Democracia Cristã iniciou entendimentos com setores discordantes de Pinochet dentro do regime, para construir uma ponte para as negociações com as Forças

Armadas. Seu discurso trata de separar Pinochet — o único derrotado, segundo essa versão — das Forças Armadas. No que a DC é acompanhada pelas tendências moderadas da esquerda, numa árdua tarefa de convencer à negociação uma instituição que, segundo eles, não perdeu. Então, pergunta a esquerda (PC, MIR, PS Almeyda): para que negociar?

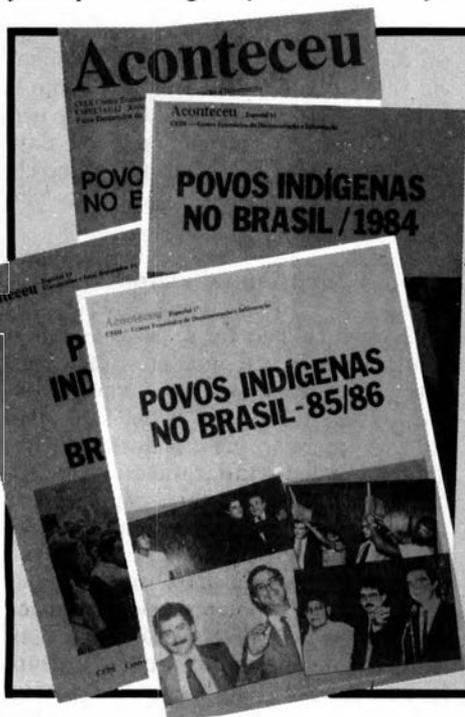
Pinochet quer tempo

A transição chilena, iniciada com um plebiscito frustrado para o regime militar, parecia assemelhar-se à uruguaia. Neste caso, implicaria uma retirada dos militares para segundo plano, tratando de tutelá-la, mas sem intervenção no primeiro plano da cena política. A intransigência de Pinochet pode prolongar o des-

sangramento do Chile, pode manter a unidade interna do Exército por um certo tempo, mas já perde forças políticas, que se bandeiam para negociações com a oposição. O movimento de massas deve voltar às ruas, em função das reivindicações que ficaram reprimidas com o plebiscito, agora questionando a legitimidade de um governo rejeitado pela maioria do país. Pinochet quer ganhar tempo, chegar ao fim do ano intransigente, para poder manobrar depois, dentro das margens que lhe sobram. As eleições de dezembro do ano que vem — se não são antecipadas — se farão em dois turnos, o que dá possibilidades de que a oposição se expresse em seus dois grandes eixos: a DC, unida a pequenos grupos de centro, centro-direita e esquerda moderada, com o PS de Ricardo Lagos, e a esquerda — PC, MIR, PS Almeyda, Mapu, Esquerda Cristã — enquanto o regime recomporá suas forças como possa.

O Chile já não será como foi, nem antes de 1973, nem antes de 5 de outubro. Abre-se um período novo na história do país, em que se entrecruzam os partidos tradicionais, o movimento de massas, a guerrilha, as Forças Armadas, num processo cuja intensidade marcará todo o ano próximo. Um laboratório de experiências políticas, onde, em um ano, poderá ocorrer tudo aquilo que não aconteceu em quinze. A história de cabeça para baixo — a cabeça de Pinochet cortada pelos de baixo.

Emir Sader é professor de sociologia da USP e autor de *Democracia e ditadura no Chile* (Brasiliense).



Saiba tudo o que Aconteceu com os Povos Indígenas no Brasil

A questão indígena tem sido alvo de profundos debates ao longo dos últimos anos: demarcação de terras indígenas, preservação do seu acervo cultural, direitos constitucionais, etc.

Os cadernos ACONTECEU incorporam todas estas questões, com comentários, excelente iconografia, levantamento cartográfico e o apoio de colaboradores de excelente nível.

- Povos Indígenas no Brasil 82, 107 pp., Cz\$ 966,00
- Povos Indígenas no Brasil 83, 248 pp., Cz\$ 2.760,00
- Povos Indígenas no Brasil 84, 332 pp., Cz\$ 3.910,00
- Povos Indígenas no Brasil 85/86, 448 pp., Cz\$ 9.200,00

Desconto de 40% para cada um dos volumes
Desconto de 50% na aquisição de toda a coleção.

Faça seu pedido através de cheque nominal para o CEDI ou vale postal para a agência do Correio 403911 -- Santa Cecília -- SP

Uma bíblia que inquieta

Milton Schwantes

A Bíblia se fez um livro popular. É um texto muito difundido. É, hoje, um dos livros mais conhecidos. Portanto, a Bíblia marca presença.

Nem sempre foi assim. Na história do cristianismo, este fenômeno é de certo modo recente. Tempos houve em que a Bíblia só era conhecida de poucos. Afinal, em séculos passados, custava caro adquirir uma cópia, quando esta era escrita à mão. E a Igreja nem sempre foi muito favorável a que o povo lesse a Bíblia. Dizia-se que a leitura poderia gerar confusão na cabeça dos crentes. Hoje, já não é assim. A Bíblia se fez patrimônio de todas as igrejas. E vai sendo incorporada à Igreja toda. Neste ponto, por certo, não se poderá voltar atrás.

A Bíblia é uma só

As igrejas são diferentes. Cada uma desenvolveu jeitos especiais. Há motivos históricos que o explicam. Circunstâncias específicas fizeram aparecer especificidades eclesiais. Por vezes até se tem a impressão de que, em nossos dias, cá e lá se tenta estabilizar tais diferenças. Não só existe um movimento no sentido da unidade. Também há o que realça diferenças, para estabelecê-las.

Este manancial de diferenças se expressa através de liturgias peculiares, de costumes particulares, de modos variados de construir igrejas, de concepções teológicas diversas. De fato, cada igreja tem seu rosto. Tem seu jeito. Tem suas estruturas.

Contudo, a Bíblia é a mesma. É uma só. É recomendada por todos. É celebrada.

Por si só, isso ainda não constitui um dado ecumênico. Bem que sabemos o quanto pode haver de discórdia e desentendimento justamente a partir de textos bíblicos. Estes, inclusive, são usados para fixar separações.

Apesar disso...



Inquieta

O uso da Bíblia introduz novos elementos. Inquieta. Há quem diga que não se pode ler a Bíblia "impunemente". E nisso há verdade. A experiência o confirma.

Acontece que a Escritura não é um símbolo fortuito. Está repleta de conteúdos. Conta a história de um povo. Narra libertações. Convida à conversão.

Na medida em que as igrejas incorporam a Escritura a seu dia-a-dia envolvem-se com conteúdos deveras críticos. Incluem em seu convívio um convidado nada cômodo. É um destes convidados que insiste em não se adaptar aos costumes da casa.

A Bíblia coloca em pauta diversos elementos novos e inquietantes. Cria novos espaços. Mencionemos alguns, a título de exemplo.

"Moeis a face dos pobres"

Os textos bíblicos invariavelmente põem em pauta a questão dos pobres. Afinal, este assunto é repetido com insis-

tência. É uma das marcas da Escritura.

Tanto há a denúncia contra a exploração dos empobrecidos. Isaías, por exemplo, acusa os governantes de Jerusalém: "Moeis a face dos pobres" (Isaías 3,15). Outro profeta refere-se a eles como os que "devoram o pobre às ocultas" (Habacuque 3,14).

Quanto há a promessa em prol do futuro dos pobres. "Deixarei no meio de ti um povo explorado e pobre" (Sofonias 3,12). Jesus anuncia: "Felizes vós os pobres" (Lucas 6,20). Há pois, o projeto dos pobres.

Com esta sua denúncia do empobrecimento e seu anúncio do projeto dos pobres, a Bíblia inquieta e questiona nossas igrejas.

"Sião será lavrada como campo"

A crítica ao templo é muito severa. É um tema que se repete com regularidade.

No Código da Aliança (Êxodo 20-23), esta crítica já está presente. Este texto muito antigo (talvez seja do 11º século

a.C.) recomenda que não se use “pedras lavradas” para edificar o altar (Êxodo 20,25). O objetivo desta recomendação é óbvio: o altar deve ser muito simples! Altares muito sofisticados podem não dar o devido testemunho a respeito do Javé Libertador!

Houve resistência contra a construção de um templo em Jerusalém. Pois, o Deus Libertador “anda em tendas” em meio a seu povo, não “habita em casa” (2 Samuel 7,6).

Apesar desta oposição, a “casa” acabou sendo construída, sob o mando de Salomão. Contudo, a oposição não pode ser silenciada. Miquéias prenuncia a ruína deste edifício: “Sião será lavrada como campo” (Miquéias 3,12). Jesus situa-se na mesma linha: “Não ficará pedra sobre pedra” (Marcos 13,2).

Esta crítica ao templo não deixou de ter sua atualidade. Bem o sabemos. Também neste sentido, a Bíblia inquieta nossas comunidades, hoje.

“Esperando contra a esperança”

A história de nossos povos não nos permite sonhar alto. São poucas as esperanças que restam, após esta história de séculos de invasão, colonialismo e exploração. E aí nem me refiro tanto à dívida destes e dos colonizadores em relação aos pobres, aos povos indígenas, aos escravos, às mulheres, às crianças. Este massacre que perdura a séculos é impagável!

Contudo, a esperança é a última que morre! E a Escritura justamente vai nesta direção. Anima à esperança. É o que ocorrera com Sara e Abraão. Em sua fé, foram “esperando contra a esperança” (Romanos 4,18). O mesmo se passou com os hebreus, lá na escravidão egípcia. A “terra que mana leite e mel” (Êxodo 3,8) tornou-se sua estrela guia. Nesta caminhada, o Novo Testamento dá um passo decisivo. Declara “felizes os perseguidos” (Mateus 5,10).

Esta esperança é qual fermento em

meio às igrejas que não raro se vão esquecendo de que a injustiça tem pernas curtas. Aí tendemos a instalar-nos, conformando-nos com este século (veja Romanos 12,2).

De fato, a Escritura muda a Igreja, porque ela nos defronta, mais dia menos dia, invariavelmente, com conteúdos explosivos, diante dos quais não resistem barreiras, ainda que seculares.

Novas leitoras, novos leitores

Entre nós, na América Latina, esta função questionadora da Bíblia recebe um realce especial. E este advém da situação histórica que vivemos.

Acontece que novas leitoras e leitores estão anunciando seu interesse em participar da interpretação bíblica. Por assim dizer, há novos “candidatos”. São os pobres. Sua palavra se vai fazendo presente nas igrejas.

Este é um fenômeno novo. Está relacionado com um despertar mais amplo, um re-erguimento social e político dos povos latino-americanos, dispostos a pôr um basta na história de exploração.

Este novo sujeito histórico ainda é frágil. Mas, já se faz presente. Multiplicam-se os grupos de mulheres que propõem

um outro projeto social, onde haja espaço para elas. Os camponeses sem-terra já não se deixam mais iludir pelos propósitos capitalistas. Os sindicalistas afirmam sua autonomia diante do Estado que costumeiramente os atrelava. A própria sociedade civil quer constituir sua cidadania.

As igrejas são parte deste todo. Seus integrantes vão à Bíblia cheios desta aversão cada vez mais arraigada contra a exploração e cheios desta esperança de pão para todos. Estas novas leitoras e leitores inquietam as igrejas. Exigem maior coerência com o testemunho bíblico da vida plena, da existência abundante para todos.

Impulsos ecumênicos

Esta Bíblia que inquieta nossa vida e nossas comunidades se põe a caminho do ecumenismo. Os conteúdos bíblicos impulsionam em direção de um testemunho comum. A experiência com a Bíblia se vai fazendo ecumênica.

Milton Schwantes é pastor luterano em Guarulhos (SP) e professor de Bíblia no Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião em São Bernardo do Campo (SP).



Aconteceu

Assinatura anual Cz\$ 850,00

- América Latina: US\$ 60
- América do Norte: US\$ 85
- Europa, África e Ásia: US\$ 100

Faça sua assinatura através de cheque nominal para o **CEDI — Centro Ecumênico de Documentação de Informação** — Av. Higienópolis, 983 — 01238 — São Paulo — SP.

**Encontro Latino-Americano e
Caribenho de
Organismos Ecumênicos
“Maurício Lopez”**

**Conselho Latino-Americano de Igrejas — CLAI
Quito, 19—23 de julho**

Construir a Esperança

Aos organismos ecumênicos da América
Latina e Caribe

Às Igrejas-membro do Conselho
Latino-Americano de Igrejas

Ao povo de Deus em nossos países

Que a graça de Deus seja com todos vocês!

De Quito, Equador, onde temos estado reunidos em resposta à convocatória do Clai, no Encontro Latino-Americano de Organismos Ecumênicos, a que denominamos "Maurício Lopez", comunicamo-nos com vocês para compartilhar a experiência que temos vivido durante os dias de nossa reunião, de 19 a 23 de julho de 1988.

Em primeiro lugar o nosso coração se eleva a Deus, com gratidão pelo privilégio que tivemos de estar juntos, celebrando o Seu nome, trocando experiências, amarrando novas amizades e confirmando nossa comunhão com o vínculo da paz, que experimentamos como um dom do Espírito Santo.

Esta foi a primeira reunião deste gênero na América Latina e no Caribe. Isto deu-nos o motivo para recordar aqueles irmãos e irmãs que nos precederam nesta peregrinação a caminho da unidade de nossos povos. Alguns deles se fizeram mártires, como Maurício Lopez, querido companheiro argentino, mentor de nosso movimento, mestre e inspirador de vários dos que aqui estivemos reunidos. Damos graças a Deus pela fé e pelo exemplo dessa "numerosa nuvem de testemunhas" (Hb 12,1)!

Somos chamados a ser fiéis a quem nos convoca a esta unidade, "para que o mundo creia" (Jo 17, 21). Por isso, ao lançar os olhos a nosso passado, não podemos deixar de reconhecer com tristeza que nem sempre temos estado à altura desta vocação à unidade. Daí que nosso Encontro foi momento para nosso arrependimento, para viver a penitência daqueles que sentem que não foram sempre fiéis ao Evangelho do Reino. Na verdade nem sempre temos feito o necessário para concretizar a unidade daqueles que, pelo batismo, são um em Cristo, em quem "não há grego nem judeu, nem senhor nem escravo, nem homem nem mulher" (Gl 3,28). Com essa consciência

Realizou-se, em Quito (Equador), de 19 a 23 de julho, o Encontro Latino-Americano e Caribenho de Organismos Ecumênicos. Participaram mais de noventa grupos, dezenove países e o evento constituiu-se em um marco histórico das relações ecumênicas no continente. Discutiu-se a perspectiva do movimento ecumênico para os próximos anos e foi elaborado um documento que será divulgado posteriormente. Estamos publicando a mensagem do Encontro que se constitui uma contribuição ao novo estágio do ecumenismo

saímos de nosso Encontro decididos a plasmar não somente uma unidade mais clara e visível entre nós, como também a abrir-nos a nossos irmãos e irmãs, sobretudo aos pobres e oprimidos. Temos a convicção de que nosso movimento ecumênico tem que ser mais inclusivo, abrindo-se mais às mulheres, aos indígenas, aos negros, aos camponeses, aos trabalhadores, aos profissionais e aos artistas, com cuja dor e trabalho, sabedoria e poesia, foi sendo construída a força de nossas nações, para o bem de nossas crianças e jovens.

Isto exige um chamado à conversão. É o que Jesus quis mostrar quando se referiu ao juízo das nações (Mt 25,31-46): reconhecê-lo no outro que está com a vida diminuída, para servir-lhe, restituindo-lhe o que lhe é devido: comida, se sofre fome; habitação, se não tem teto; companhia, se está sozinho; saúde, se padece enfermidade; libertação, se vive como oprimido... É evidente que na atual conjuntura da América Latina e do Caribe, isto exige muito mais que discursos e programas assistenciais. É algo que requer compromissos concretos de asolidariedade, prática da justiça do Reino de Deus — que é justiça aos pobres, herdeiros da promessa de Deus. Conseqüentemente, o chamado à conversão que aqui experimentamos nos constrange a amar ao próximo através do serviço imediato ao irmão ou à irmã carente, mas especialmente a lutar por uma sociedade mais justa e mais livre em nossos países.

Não podemos nos esquecer que dentro de poucos anos se cumprirão quinhentos anos desde que os conquistadores ibéricos iniciaram o processo de dominação e exploração de nossos povos e terras. Ao domínio da Espanha e Portugal seguiu-se o da Grã-Bretanha, da França, da Holanda e, em nossos dias, principalmente o domínio dos Estados Unidos. Além disso o capital transnacional nos impõe o injusto e duro tributo do pagamento dos juros da dívida externa, cujo peso nos oprime, roubando a vida ao povo, limitando as possibilidades democráticas e a autodeterminação de nossos países, sacrificados pela avidez do capital. Cada uma destas etapas de dominação de que têm padecido e padecem nossos povos, tem sido vivida em meio à luta e à esperança dos pobres, mas também — lamentavelmente! — legitimada com argumentos religiosos, cristãos. É algo que nos enver-

gonha profundamente. Muitas vezes no contexto desta tensão entre o domínio que nos tem sido imposto e a libertação a que aspiram nossos povos, as igrejas e muitos cristãos temos estado com os opressores... Senhor, tem piedade de nós! Nesse largo peregrinar de nossos povos, sinais alentadores de libertação foram levantados por igrejas e cristãos, em sua missão de permanecer fiéis ao Evangelho, através do serviço aos oprimidos. Por estes testemunhos de esperança, nós te louvamos, Senhor! Senhor, alenta e renova a fé dos pobres e oprimidos!

Nossa conversão nos urge a sermos solidários com as mulheres sofridas e exploradas, com os indígenas aos quais lhes foi roubado quase todo o seu ser e o seu ter, com os negros que foram submetidos a trabalho escravo e desumano. Isso exige, conseqüentemente, a transformação do movimento ecumênico da América Latina e do Caribe. Isso nos leva a abrir os braços: a nossos irmãos e irmãs pentecostais, cuja contribuição nos últimos anos nos têm enriquecido grandemente e cuja participação desejamos seja incrementada; aos que participam nas comunidades eclesiais de base; e, inclusive, àqueles que, a partir de suas tradições negra ou indígena, têm vivência de Deus, ainda que o conheçam com outros nomes. Sua maneira de celebrar é a dos pobres. E nosso Deus, o Pai de Jesus Cristo na unidade do Espírito Santo, é precisamente o Deus dos pobres e dos oprimidos. Não é o Deus do império nem do mercado, mas o Deus da vida. Por isso, se desejar ser-lhe fiel, o movimento ecumênico da América Latina e do Caribe não tem outro caminho se não o da prática solidária com os pobres e marginalizados da nossa *oikoumene*.

Para que esta conversão tenha sido experimentada de maneira concreta, nos tem sido muito valiosa a releitura da Palavra de Deus que hoje nos fazem os setores populares do Caribe e da América Latina. Em meio à tensão entre a dominação e a libertação, estes setores percebem que a Bíblia nos chama a um exercício de esperança. A conversão que experimentamos nos faz compreender melhor a esperança dos pobres, e assim também se renova a nossa.

Nessa esperança nos unimos: essa esperança na obra de um mesmo Senhor, que resulta do poder de um mesmo Espírito, que nos chama a compartilhar a mesma fé, na mesma Igreja. Reconhecemos, com

dor, o peso das divisões denominacionais. Mas ao mesmo tempo tomamos consciência de que vamos nos unindo no mesmo caminho que nos leva ao Reino do qual desejamos testemunhar. E, ao discernir esta força do Espírito de Deus que nos conduz do mundo ao Reino, através dos caminhos de nossa história, temos uma nova visão dos acontecimentos do passado. Com efeito, as raízes de nossa unidade, pela graça de Deus, além de estarem presentes na vida de nossas igrejas, no testemunho de tantos mártires, também aparecem na memória das lutas de nossos povos, nos gestos apaixonados de justiça e liberdade de nossos heróis. Em muitas de suas ações já ia tomando forma a unidade de nossa gente, de nossa *oikoumene* latino-americana e caribenha.

Apelamos, com humildade, a nossas igrejas a que reconheçam esta fé e esta esperança evangélicas. Em nosso *Encontro* oramos a Deus para que as mantenha vivas e renovadas em nossos organismos ecumênicos.

Por viver na Igreja, queremos também que sejam a fé e a esperança de nossas igrejas, que assim estarão mais unidas, mais próximas umas das outras, pa-

ra que então o mundo creia no amor do Pai, que enviou ao Filho para nossa salvação, para que sejamos realmente livres.

Enviamos uma saudação fraternal a todos os movimentos ecumênicos no Terceiro Mundo, reconhecendo que os mesmos se desenvolvem e lutam em meio a situações muito semelhantes às nossas, ainda que com suas próprias características.

Em nosso Encontro, cantamos muito. Celebramos ao Deus da Vida, Senhor da História. Recebam nossa saudação fraterna com as palavras de um cântico que entoamos muitas vezes nestes dias:

“Que não caia a fé,
que não caia a esperança.
Que não caia a fé, irmão,
que não caia a fé, irmã.
Que não caia a fé,
que não caia a esperança!”

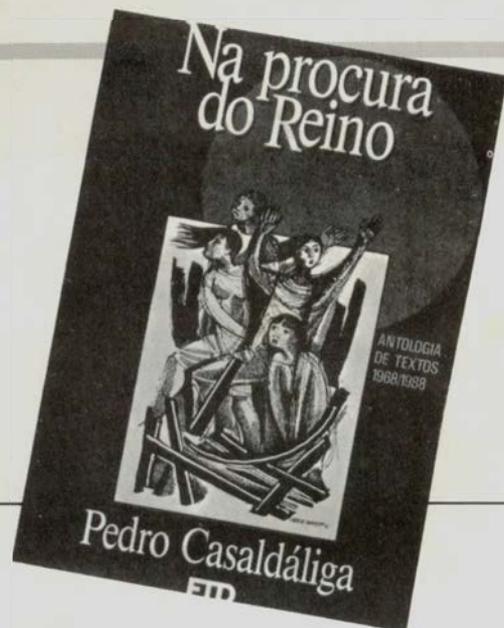
Unidos na esperança, os participantes do Encontro

*Representantes de 94 organismos ecumênicos de
dezenove países da América Latina e Caribe*

Fala, Pedro

NA PROCURA DO REINO

Pedro Casaldáliga, FTD, São Paulo, 1988, 280 pp., 14,5x21,5 cm.



“Fui conhecendo ‘outras’ igrejas. A causa do *ecumenismo* passou a ser uma dolorosa causa minha. Faz muitos anos que me dilacera ver a oração-testamento de Jesus — ‘que todos sejam um’ — tão sistematicamente desatendida, tão bestificadamente subentendida pelos cristãos. A divisão dos cristãos me parece a mais absurda divisão humana já registrada na História. Este é um mistério de Fé pelo avesso. Uma espécie de loucura de Fé, coletiva. Não deveria ser, não poderia ser.”

“A *liberdade* é uma palavra que deveríamos escrever em todas as folhas, em todas as asas dos pássaros, em todos os postes do mundo, em todas as primeiras e últimas pedras de todos os prédios e casas, e todas as crianças deveriam se chamar Liberdade. Eu tenho um poema, em que digo à minha mãe que, se ela me batizasse outra vez, que pusesse o nome de Pedro Liberdade.”

“A *teologia da libertação* é isso: uma nova sistematização da fé cristã a partir da América Latina, hoje, que busca rever a teologia cristã voltando às fontes de nossa identidade cristã... Rever o Deus em quem cremos significará, antes de tudo e sobretudo, superar toda dicotomia. O Deus da Bíblia, em todas as suas páginas, é um Deus antropomórfico, é um Deus metido na terra, é um Deus metido na história. É um Deus, inclusive, que vai descrevendo a si próprio ao longo da história de um povo.”

“Em *política*, continuo pensando, cada vez mais, que a gente, inclusive sendo bispo, deve dizer uma palavra concreta para ser fiel e honesto; e para não se ficar na bela e cômoda e oportunista posição da neutralidade — não é? — com a qual a gente se sente depois no direito de receber homenagens e benefícios de uns e de outros, porque não se comprometeu. Por isso mesmo, hoje, para mim,

o caminho melhor é um socialismo, um socialismo democrático; que não é o partido tal ou qual; que não é, muito menos, a nação tal ou qual; embora possa dar-se um pouco nele e graças a tal e qual partido de tal e qual nação, pois as diferentes experiências é que possibilitam uma experiência ‘mais’ perfeita dentro da relatividade de todas as coisas (a Igreja, inclusive) neste tempo de nossa ativa espera, que ainda não é o tempo da eternidade, mas é o tempo da relatividade.”

A pujança, a atualidade e a sensibilidade dos trechos acima citados do livro de d. Pedro Casaldáliga, *Na procura do Reino*, são apenas amostras da importância dessa obra, lançada em outubro, em todo o Brasil. É um conjunto de trabalhos elaborados em diversas ocasiões, onde o bispo do Araguaia dá testemunho corajoso de sua vida e dos seus compromissos. Foi escrito com o coração, refletindo situações angustiosas de sua vida pastoral. É teologia, poesia e pastoral. Dom Pedro derrama sua alma, e com singela beleza vai apresentando seus pensamentos, suas posições e suas experiências. Corajosamente enfrenta questões de política, de posições teológicas, de relacionamento com Roma e de ecumenismo.

Mas, antes de tudo, é um livro de esperança, de reafirmação evangélica, de compromisso com os pobres.

No momento atual, em que d. Pedro sofre restrições por parte do Vaticano, a publicação das suas reflexões e sentimentos, nos últimos vinte anos, vai possibilitar que se conheça mais profundamente as experiências e posições desse profeta do sertão brasileiro. A corajosa e belíssima carta enviada a João Paulo 2º antecedendo sua viagem à Roma, as suas impressões sobre a Igreja da Nicarágua, os textos das missas do Quilombo e da Terra-sem-males, a sua posição política, as reflexões sobre a Teologia da Libertação, o celibato e o papel da mulher na Igreja, mas sobretudo sua vivência pastoral comprometida com os pobres, fazem de *Na procura do Reino* uma contribuição inestimável ao processo em que muitos estão empenhados, ecumenicamente, de tornar cada vez mais sensíveis os sinais desse Reino em nosso continente tão sofrido. Depois da leitura desse livro ainda vai se tornar mais forte o apelo de muitos: “Fala, Pedro”.

Lançamentos

A SECA DO NORDESTE: UM FALSO PROBLEMA

João Medeiros Filho e Itamar de Souza, Vozes, Rio de Janeiro, 1988, 180 pp., 13,5x21 cm.

O problema da seca nordestina é tão antigo quanto o descobrimento do Brasil. A origem deste crucial problema está na estrutura social, política, agrária e econômica atrasada, geradora da pobreza rural.

LEITURA POPULAR DA BÍBLIA — POR UMA HERMENÊUTICA DA LIBERTAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, nº 1, vários autores, Vozes/Imprensa Metodista/Sinodal (edição conjunta), 1988, 180 pp., 16x23 cm.

Esta nova publicação parte do pressuposto de que as dores, utopias e poesias dos pobres são uma mediação hermenêutica decisiva para a leitura da Bíblia em nossas terras.

